JUL

ANNO
RIO DE
Preço

# CINEARTE

LEW AYRES
ANITA LOUISE
CINEARTE

JEANETTE MAC DONALD E MAURICE CHEVALIER ESTÃO JUNTOS OUTRA VEZ EM "ONE HOUR WITH YOU"

ESCREVEM-NOS: "A união dos productores brasileiros em associação é cousa muito de se louvar. Elles é que sabem aquillo de que precisam para o desenvolvimento da industria cinematographica em nosso paiz, não aquelles que só e exclusivamente se applicam ao commercio dos Films.

E no momento mesmo que o proprio governo é que vae ao encontro dos desejos dessa industria mal fariam os productores do paiz se não se colligassem em defesa dos proprios interesses.

A opportunidade é excellente.

O Film sonoro veio modificar profundamente os termos do problema da implantação da industria cinematographica entre nós em solidas bases.

"O Film brasileiro tem que ser feito no Brasil" é uma affirmativa que deve ser todos os dias repetida.

Films falados em nosso idioma como os que nos tem vindo do estrangeiro, melhor fôra nunca haverem sido realizados.

Pensar que os grandes productores se venham estabelecer entre nós afim de fabricar Films para os 2.000 cinemas do Brasil é esperança vã.

Temos que contar exclusivamente com os nossos proprios recursos.

Isso não é desvantajoso.

Pelo contrario.

Para fazer Film brasileiro é mister que artistas, direcção, scenaristas seja tudo brasileiro.

E dizer que entre nós não existem elementos para isso é querer tapar o sol com uma peneira.

Nós temos uma porção de patriotas que acham ruim tudo quanto seja brasileiro, só pelo facto de ser brasileiro.

Para essa gente basta um rotulo em lingua estranha para garantir a superioridade do producto?

Esses falsos patriotas são os que não acreditam no triumpho que consideramos certo da industria cinematographica brasileira.

Quem examinar, porém, com serena imparcialidade os progressos realizados nestes dez annos por essa industria em nossa terra, forçosamente ha de se convencer de que somos capazes, com esforço e tenacidade, de produzir tão bons Films como os de qualquer outra paiz.

Acaso essa industria nasceu perfeita em algum paiz?

Quem não se lembra dos Films americanos anteriores á grande guerra? Poderiam acaso ser comparados aos feitos quando os Estados Unidos conquistaram, sem concurrencia, todos os mercados consumidores?

Cada Film brasileiro que apparece marca um progresso, quer na technica, já nos minimos detalhes.

Assim sendo bom foi que se unissem os productores brasileiros.

E tanto mais urgente a sua união quanto o Film brasileiro vae brevemente requerer defesa energica.

Ninguem se equivoque, pois essa será a realidade.

Esses cuidados com a "industria brasileira do Film" por parte dos que nada têm que ver com essa industria são algo suspeitos.

O governo olha com carinho o assumpto. Bom será que tenha com quem tratar quando se trate de Film nacional.

Por esse motivo todos nós, que nos interessamos pelo Film brasileiro, que queremos o Film brasileiro, applaudimos vigorosamente o constituição dessa associação de classe que poderá prestar reaes serviços á industria cinematographica nacional que até aqui não tinha um orgão que pudesse destemerosamente assumir os cuidados de sua defesa".

Sou etc. etc. — J. RAMOS PAIVA.

Concordamos plenamente com o nosso missivista e aos seus juntamos tambem os nossos applausos bem sinceros e desinteressados.

De facto o momento não pode ser mais favoravel para o Film brasileiro.

O interesse dos que nos governam é evidente, tem sido fartas vezes manifestado.

Mas por isso mesmo a constituição de um orgão de classe estava a impor-se.

Esse orgão é que poderá dirigir-se ao governo e dizer-lhe das necessidades da industria nacional do Film para que possa attingir seu pleno desenvolvimento.

*Os jornaes nos contam que Hal Roach, conhecido productor das comedias que completam os programmas da Metro Goldwyn, durante a sua permanencia no Rio, escolheu e adquiriu alguns discos brasileiros e levou-os para Hollywood no seu aereoplano. Lá, pretende produzir uma comedia com Stan Laurel e fazel-o cantar alguns dos nossos sambas. Já sabemos que não será uma comedia especialmente produzida para o Brasil, porque o nosso mercado não a pode pagar... Com a crise reinante apenas desejamos saber o seguinte do sympathico e sorridente William Melniker: O mercado brasileiro pagará a acquisição desses discos ?*

# Resultado do Concurso de Novembro de "Cinearte"

As mascaras de Hollywood são Sylvia Sidney, Marlene Dietrich, Nancy Carroll, Frances Dee, Claudette Colbert, Mitzi Green e Lilian Tashman. Entre os que acertaram que foram apenas nove leitores, foi sorteado o nome de G. O. Furtado, morador á rua da Aurora, 1237, Recife, que receberá uma assignatura annual de "Cinearte".

---

De um telegramma de João Pessoa:

"O interventor federal baixou um decreto instituindo o premio de 60:000$000 para a empresa ou particular que construir um cinema nesta capital com todos os requisitos modernos".

---

O director Mario Bonnard terminou "Pas de Femmes" no Studio Tobis de Epinay.

---

Agora, fala-se um pouco em Hollywood de Chevalier e Marlene...

---

Myrna Loy tomou o logar de Estelle Taylor no elenco de "Night Club", a grande super especial da Universal para esta temporada. Estelle, na noite de Natal, ao voltar da casa de Evelyn Brent, soffreu um desastre de automovel e deslocou uma vertebra do pescoço. Depois de varios dias de exames, os medicos puzeram-na no hospital, collocando-lhe á volta do pescoço um apparelho de gesso. Por dois mezes, a ex-esposa de Dempsey está impossibilitada de trabalhar.

---

Por falar em Estelle Taylor, passemos a escrever a respeito do seu recente divorcio. A questão ficou decidida da seguinte maneira. Estelle receberá 30 mil dollars em dinheiro, a casa em que vivia em Hollywood, orçada em 100 mil dollars e, tres esplendidos automoveis. Dempsey obrigou-se ainda a pagar ao seu advogado a somma de 10 mil dollars de honorarios... Por ahi os leitores poderão ver que o pobre Dempsey não gostará que lhe falem em novo casamento tão cedo...

---

O cunhado de John Ford, conhecido director de Films que, actualmente, está em viagem de recreio pelo Oriente, suicidou-se, ateando fogo á garage de sua casa, o que motivou a explosão de grande quantidade de gasolina.

---

Barry Norton voltou a esta cidade. Depois de muitos mezes passados em Tahiti, onde viveu com o seu verdadeiro nome, Alfredo de Biraben, Barry regressou a Hollywood, esperando assignar contracto. Nos ultimos Films em que appareceu os papeis que lhe deram não correspondiam aos seus meritos de artista. Talvez que, agora, tenha melhor sorte.

---

Vocês recordam-se de Marguerite Clark? Ella foi uma das mais populares artistas da tela, ha muitos annos. Casada, retirou-se para um dos estados do sul, onde o marido é um rico fazendeiro. Agora, chegou a noticia de que o coronel Harry Williams vae ser candidato a governador da Louisiania. Se assim fôr, a ex-estrella passará a residir no palacio do governo, em Nova Orleans.

---

Jimmy Durante, um novo comico, cuja popularidade é grande, renovou seu contracto com a Metro. Sabiam que elle é italiano? E' conhecido por ter o maior nariz deste mundo...

---

Lois Wilson, essa figura inesquecivel de tantos grandes Films, como ultimamente em "Filhos", foi uma das que mais ajudaram aos pobres e desempregados durante as festas do Natal e Anno Novo. Lois trabalhou sem parar, dias e dias, fazendo embrulhos, visitando familias pobres e levando mantimentos e brinquedos para as creancinhas.

---

Marion Davies deu uma grande festa em sua casa na praia de Santa Monica, na noite de Anno Novo. Todos os convidados compareceram vestidos de creanças... excepto Douglas e Mary, que chegaram, tarde da noite e trajavam toilette de baile. Entre os presentes estiveram: Lionel Barrymore, King Vidor, Clark Gable, Buster Keaton, as tres Talmadges, Gilbert Roland, Mamãe Talmadge, Jack Mulhall, Ralph Graves, Aileen Pringle, Sally Blane, Sally O'Neil, Mona Maris, Seena Owen, Anita Page, Betty Bronson, Dorothy Jordan, William Haines, John Gilbert, Gilbert Adrian, Victor Fleming, Stuart Erwin, Norma Shearer, June Collyer, Douglas Fairbanks Jr., Joan Crawford, Joan Bennett, Clarence Brown, etc. A festa acabou altas horas da manhã e os jornaes levaram dias e dias a commentar o successo da mesma. Tambem, Marion é a estrella que melhor sabe dar bailes em Hollywood e queridissima de toda a colonia Cinematographica.

*Arlene Andre, dansarina do palco, ha um anno, morou na mesma casa de appartamentos em que residia o conhecido artista Richard Tucker. Um dia, o seu cãozinho fugiu e refugiou-se no appartamento de Tucker... Arlene procurou-o e, ao encontral-o, travou conhecimento com Richard... Em dias do mez de Janeiro, o juiz Crawford pronunciou-os marido e mulher. A irmã da noiva, Margaret Mayo, trabalha no Cinema, escrevendo argumentos e scenarios.*

Barbara Weeks, uma pequena encantadora, que Samuel Goldwyn tem sob contracto e cujo primeiro papel dará ao Rio em "Palmy Days", Film de Eddie Cantor para a United Artists, está ficando popular. Samuel emprestou-a á Fox e ella já appareceu em "Stepping Sisters", "First Cabin", ao lado de William Bakewell e, agora, foi contractada para outro importante papel em "Devil's Lotery", com Elissa Landi.

*Pola Negri continúa a "desacatar" Hollywood. Instantaneo apanhado numa recente festa de artistas.*

*— Como estes artistas de Cinema arriscam a vida !*

O Marquez de la Falaise, ex-esposo de Gloria Swanson e actual marido da exquisita Constance Bennett, assignou contracto com a Metro Goldwyn-Mayer e ficará encarregado dos "dubbings" em francez, assim como auxiliará a confecção de todos os Films, cujo ambiente seja francez. O primeiro a ser synchronizado em francez é "Possessed".

---

Greta Garbo fugiu de Hollywood, durante as festas do fim de anno. Embarcou mysteriosamente para New York, hospedando-se num hotel sob o nome supposto de Bussie Gerter. Como costuma fazer, vestiu-se simplesmente e passou a usar oculos escuros. Não deu entrevistas e ninguem conseguiu deitar os olhos sobre a mais extraordinaria de todas as estrellas da tela. O seu mais novo Film, "Mata Hari", estreará em Hollywood, no luxuoso Chinese, no fim deste mez, sendo cobrada a entrada de 5 dollars por pessoa, na noite da première...

---

E' bem provavel que Cecil B. De Mille assigne contracto com a Paramount. O famoso creador dos "banheiros de luxo" e dos argumentos matrimoniaes e assumptos domesticos, voltou de uma viagem de recreio da Europa. Deu entrevistas aos jornaes e revistas e falou muito da Russia... Mas, quando iniciar o seu proximo Film não usará naturalmente os processos Cinematographicos dos directores dos soviets...

---

Una Merkel, que já vimos em "Abrahão Lincoln", ao lado de Walter Huston, é a primeira noiva de 1932. No dia 2 de Janeiro ultimo, casou-se com Ronald L. Burla, engenheiro aviador de Los Angeles. O enlace realizou-se em Tia Juana, cidade fronteira, no Mexico.

# A verdadeira historia do

— **Eu o amo. Amo-o, sim! E o unico homem que amei, na minha vida. Mas tudo acabou... — diz Lupe Velez.**

Gladys Hall escreve as linhas que se seguem. Ella é estupenda e uma das mais scintilantes jornalistas Cinematographicas de Hollywood. Eis o que ella nos conta, por observação, acerca do caso Lupe Velez — Gary Cooper.

* * *

Eu me achava no escriptorio particular de Eleanor Packer, no **lot** M. G. M. O dia morria. Nosso trabalho terminára. Falavamos, uma á outra, como costumam falar mulheres, quando se encontram. De um corredor externo, no emtanto, veiu subito rumor de tumulto e discussão. Confusão, principalmente! Pelos corredores echoava uma voz quasi selvagem, em altos berros. Abriu-se violentamente a porta e a figura selvagem de Lupe Velez entrou como tufão pela sala a dentro, batendo com violencia a porta atraz de si. Chegou-se a nós e, carinhosa, abraçou-nos. Usava um pyjama lindissimo, todo azul. Havia, nos seus cabellos, um esplendor divino que a tornava mais linda ainda. Num segundo pulou ella para cima da secretaria de Eleanor e, cruzando as pernas, metteu-se na conversa.

— Sinto-me mal, sabem? Mas estou contente, justamente porque me sinto mal... Estou mal e estou bem... Sinto que estou tomando veneno e que tenho viboras me mordendo. Ainda assim estou feliz e contente, apesar de estar detestavelmente mal...

Parecia maluca. Mas tambem parecia divinalmente exquisita e differente. Depois, num relance, mudou-se radicalmente a expressão do seu rosto. Atirou para traz a cabeça e começou a cantar... Os versos da canção, sentidos, diziam mais ou menos isto:

— Agora que te perdi — comprehenda-me, sim?
Viverei para sempre... ao teu dispôr...

A voz soffria, notava-se. Era uma nota de magua que fazia a gente até se sentir mal. Ha muito que eu tinha uma suspeita e, naquelle momento, tornava-se a mesma uma absoluta certeza. Disse-lhe.

— Lupe. O que ha? O que ha de verdadeiro no caso do seu rompimento com Gary Cooper? Você tem estado a mentir, este tempo todo, porque o ama! E você bem sabe disso...

Na sala fez-se um subito silencio mortal. A maluquinha voltou para mim um olhar e uma expressão na qual havia de tudo, menos a verdadeira Lupe que todos nós conhecemos e os **fans** tanto admiram. Parecia-me que tinha desafivelado uma mascara. Senti até medo de olhar para o que tinha feito... O quarto soffreu uma phrase firme e secca, depois do silencio mortal que o fez ficar mais quiéto do que uma campa.

— Sua mãe!!!

Havia razão, razão de sobra na minha suspeita. Walter Ramsey um collega meu, tambem tivéra razão. Tinha. mesmo, mais razão do que eu suspeitára.

— Sua mãe!!!

Repetiu ella. E havia, nessa phrase curta, uma condemnação amarga e agoniada que me fez sentir um nó na garganta. Dahi para deante ella falou por si mesma, sem que eu a impellisse a tal. Sua voz era pesada, mas não cessava. A dôr com que falava e a magua das suas palavras faziam-na falar com firmeza e, nessa firmeza, uma grande angustia pairava. Seus olhos estavam seccos. Eram os olhos seccos do desespero que já chorou tudo. Vasou toda dôr do coração...

— Sinceramente, eu quero que ella jamais chore as lagrimas que eu chorei. Espero que ella jamais conheça o soffrimento que eu conheci. Não a odeio nem um pouco. Apenas a lastimo!

A voz era tão baixa, agora, que tivemos que nos curvar para ouvirmos o que ella nos dizia.

— Ella disse — sua mãe — que eu não era digna de Gary. Que eu não sou sufficientemente bôa para elle. Eu sei disso. Tentei fazel-o feliz. Fil-o feliz! Faria, neste mundo, tudo que fosse possivel para elle. Nada ha que eu não fizesse! Nada ha que eu não faça!

Houve pouca pausa. Apenas tomou folego, proseguiu.

— Ella lhe disse, quando eu estive em New York, ha pouco tempo, que eu estava com certeza a procura de outros homens. Ella lhe disse que eu não lhe era fiel. Elle deu credito ao que ella lhe disse. Elle é tão fraco, pobrezinho. Crê em tudo que qualquer pessoa lhe diga. Muito mais sua mãe, portanto. Mas é uma mentira, isso. Eu não fiz nada disso. Nada tenho a esconder. Se eu tivesse algo a occultar, porque saio eu sempre? Sahi, é certo. Tive que procurar isso. Mas quando se tem real interesse em alguem, não se sahe. Desde o primeiro dia em que amei Gary, fui-lhe absolutamente fiel! Sua mãe tambem lhe disse que eu o queria, era alegria, dinheiro, divertimento, festas, "farras." Quando eu e elle, o meu querido, estavamos juntos, raramente procuravamos sahir para qualquer parte que fosse. Gary era recluso e não gostava de festas. Não sahiamos. Gary não gostava de companhias e poucas eram as que tinhamos. Poucos amigos. Iamos a um Cinema proximo, desconhecido de todos, onde ninguem nos observava. Faziamos passeios de automovel. Tinhamos momentos inesqueciveis, juntos. Gary gostava da vida calma, quiéta e era isso que faziamos.

Eu ia á caçadas com elle, á noite, nas florestas. Não gosto de caça. Sou preguiçosa. Gosto de luxo e conforto. Mas eu ia. Assustava corujas para elle matar. O medo que eu tinha dos bichos e principalmente das cobras não compensava. Mas elle era feliz, não era? Era o que a mim importava. Era, mesmo, tudo quanto eu importava. Elle voltaria para casa com bôas côres no rosto, eu sabia comeria com apettite e engordaria e eu me sentiria feliz com isso.

Elle queria um carro Dusenberg. Nunca foi mais do que um meninão. Queria e queria mesmo esse carro. Seus paes não queriam que elle o comprasse. Era muito caro. Eu lhe disse: — "mas por que não o compra? Trabalha muito, não é? Merece tel-o, portanto. Se quer o Dusenberg, compre-o!

No Studio, elle tinha medo de se insurgir contra seus direitos. A sua familia é que o tornava assim medroso. Eu lhe disse: — "Meu bem! Elles não podem matar você dessa forma, cruelmente, trabalhando e trabalhando desse geito! Elles o podem fazer trabalhar, é certo, mas não têm o direito de o matar! Combata sempre pelos seus direitos! "Se elle tivesse feito o que eu lhe disse, logo depois que terminou **Agora ou Nunca,** hoje estaria ganhando cinco mil **dollars** por semana. Foi sua mãe que o atemorisou. Ella lhe disse que devia fazer o que lhe diziam que fizesse. Poderia perder seu emprego, se fosse contra. Disse-

lhe tambem, que devia comer lá no restaurante do Studio, porque, caso contrario, elles poderiam não gostar.

Eu lhe pedia que viesse para casa e comesse, ao meu lado, uma comida bôa, reconfortante e quente. Elle precisava disso. Vocês deviam ver como era o meu pequeno quando eu o conheci! Estava se definhando, dia a dia. Era magro e nervoso. Eu lhe dizia, quando elle vinha desanimado: — "Então meu bem, se elles lhe tirarem o emprego, eu tambem perderei o meu e é tudo quanto tenho, sabe? Você tem o seu Dusenberg, não tem? Já está pago, não está? Poderemos comer nelle, dormir nelle, viver nelle. Somos moços. Amamonos! Somos o casal mais feliz do mundo, não acha? Ninguem pode comnosco, querido, não é? O que importa você com o resto?

Sinto-me profundamente infeliz. Já estive horas, dias, sentada e calada, apenas pensando na minha vida. Gostaria de ter força de vontade para correr, agora mesmo, atirando-me em seguida sob as rodas de um trem... E' isso que eu sinto e tenho vontade de fazer, apenas...

Eu o amo. Amo-o, sim! E' o unico homem que já amei, na minha vida! Ninguem, no mundo, será para mim, aconteça o que acontecer, o que foi o meu querido pequeno! Mas tudo acabou. Tudo passou. Elle é tão fraco, pobrezinho! Elle

# amor de Lupe Velez e Gary Cooper...

é tão sem coragem. Perdi noites e noites lhe dizendo, o mais affectuosa possivel: — "Querido! Você é admiravel! Você é esplendido! Não ha ninguem que represente como você, sabe? Você é o melhor artista do Cinema. Não ha nada, neste mundo, que o possa attingir." Eu tentava, assim, fazel-o feliz, tendo orgulho e confiança em si mesmo. Quasi sempre elle vinha para mim com as mãos tremulas, nervoso, agitado. Eu tinha pena delle. Queria-o tanto!

Sei que estão surpresas. A outros magazines já dei historias differentes a este respeito. Disse que não sou mulher para um homem só. Que descobrir que prefiro brilhantes, braceletes e farras do que o meu Gary. Era uma historia interessante essa, não acham?...

Mas amargurada mostrou-se a sua voz quando ella disse isso. Mas depois abrandou um pouco a amargura.

— Não me teria importado se fosse o seu amor que tivesse cessado. Nem, tambem, se elle se tivesse casado com outra para ser feliz. Mas elle não deixou de me amar! Hoje, por mim, elle soffre tanto quanto eu por elle, o meu pobre pequeno! Elle já me pediu para voltar. Mas elle é tão fraco, pobrezinho, e eu tão forte. Quando estou errada, estou errada. Digo que estou errada e prompto! Quando estou certa, estou certa e não ha ninguem capaz de mudar minha resolução. Nada fiz de mal para Gary. Elle deu credito ao que sua mãe disse de mim. Mas elle não deixou de me amar Deixou de ter confiança em mim e foi por isso que eu rompi com elle.

Jamais quiz seu dinheiro. Tenho o meu. O que detesto é ver a sua familia sugando-o até o ultimo vintem, como faz. A fazenda que compraram para elles e o mano Arthur. Tudo quanto compram, com o dinheiro delle, põem em nome dos outros e nada no delle.

Quando elle me dizia: — "Querida, você não se importa que eu vá á Europa, em viagem de passeio?" Eu lhe respondia: — "E' logico que não meu bem!" Vae e divirta bastante! Faça o que queira. Jogue. Vá a festa Frequente tudo! Mas acha que eu poderia, mesr o, querel-o tão longe de mim? Não, mil vezes nã Mas, acima disso, eu o queria feliz e era por isso que deixava, consentindo. Quando eu o vejo feliz, ta nbem me sinto feliz. Sabe o que disse a mãe delle a isso? Disse-lhe: — "Sim, filho, ella quer que você vá para a Europa, para que possa sahir do sério, aqui mesmo, e rir-se de você que a deixou livre..."

Não! Isso é injusto. Eu não sou orgulhosa. Mas isso é demais. Eu não posso voltar atraz. Tudo recomeçaria e voltariamos á este ponto, exactamente. Elle crê cégamente no que lhe diz a mãe. Tambem é possivel que elle não mais me queira. Não sei. Meu pobre... Meu querido! Jamais haverá, para mim, um homem como Gary! Amo-o. Amal-o-hei a minha vida toda!

Tornou a cantar aquelles mesmos versos tristes. Na sua voz havia uma porção de lagrimas. Mas seus olhos continuavam tragicamente seccos...

Lupe pulou da secretaria. Atirou a cabeça para traz e voltou a ser a maluquinha que é. Sahiu pela porta afóra como entrou, sapéca e violenta como sempre e foi, pelos corredores, gritando á vontade...

* * *

Spencer Tracy, que apparece em " Sky Devills" da Caddo, está actualmente possando para "Disordely Conduct", no studio da Fox. Elle e a sua motocycletta — em que é um verdadeiro prodigio — fazem mil loucuras nesse Film.

* * *

Mary Pickford, no momento, não Filma. Está á procura de uma historia que lhe sirva bem e, assim, pretende voltar á actividade. Douglas está, neste momento, a caminho de Hollywood. Tomou o navio na Europa, a 17 de Dezembro e ao chegar a New York, virá de avião para Hollywood, afim de passar as festas do Natal com a esposa. Dizem que Mary telephonou para Roma, pedindo-lhe que não deixasse de estar em Pickfair na noite de Natal... Douglas, como bom maridinho, fez-lhe a vontade.

Douglas, na Europa, fez-se acompanhar de Lewis Milestone, o director de "Sem Novidade no Front." Pretendia elle ir á Mandchuria e fazer um Film — "travelogue" — sobre os acontecimentos mas, desistiu! Aqui, em Hollywood, entretanto, é bem menos perigoso!

**Carmen Santos**

**(De Octavio Mendes, especial para CINEARTE e lido ao microphone da RADIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO).**

Mary Astor... Olhos negros. Cebellos ondulados, mais negros do que os olhos... Na bocca, esphacelada, a malicia que a innocencia deixou quando fugiu ao sussurro do primeiro beijo...

Marlene Dietrich... Rosto anguloso. Narinas sempre ofegantes. Labios polpudos, humidos... No olhar todo o encanto de um amor que se foi, rubro e quente como um pôr de sol tropical...

Ramon Novarro... Rosto, olhos, riso e attitudes que lembram um impossivel heroe seculo passado. Sonhador romantico que inspira poemas e arrebata corações sentimentaes...

Billie Dove... Instinctivamente dá o aroma das rosas puras e a impressão singela das violetas... Tem. no rosto, bem pintada, a imagem da pureza. Nos labios, em côres fortes, o brilho do peccado...

Constance Bennett... Aristocracia no Cinema... Corpo de pluma. Rostinho enjoado que lembra um **lorgnon** espreitando uma **vitrine**...

Clark Gable... Malandro que vestiu casaca á custa da esperteza... Homem que as mulheres só sonham no impossivel. Quando o vêm, não acreditam nelle... 30 annos experimentados que procuram 22 nos labios da inexperiencia...

E Norma Shearer, Joan Blondell, Greta Garbo, Marian Marsh, Janet Gaynor, Charles Farrell, Pola Negri...

E mais centenas delles...

Seus nomes, nos cartazes, são contos de réis nas bilheterias. O mundo todo lhes escreve pedindo retratos. Toda pequena sonha com um beijo de John Gilbert. Todo rapaz queria Joan Crawford para um baile de Carnaval...

Ha alguns que se apaixonam. São os mysticos que crêm no amor atravéz o espaço. Pequenas que olham, desanimadas, retratos de Robert Montgomery ou Edmund Lowe, comparando-os com os noivos que têm falhas nos dentes e usam oculos para ler e escrever...

E esses homens incomparaveis e essas creaturinhas até impossiveis, têm, pelo mundo, uma fascinação que os tornam mais celebres do que um sabio, mais conceituados do que um inventor genial...

— Quem é esse?

Pergunta Júlinha, polindo as unhas. O pae olha. Franze o sobrolho. Pergunta, pasmo de espanto.

— Pois você não conhece?...

— Não...

— E' o celebre scientista Einstein!

— Ah!... E' um pouco parecido com Jean Hersholt...

E é assim. Charles Lindbergh, voando de New York a Paris, conseguiu fama durante o tempo do seu vôo. (Fora dos Estados Unidos, é logico, porque lá elle é instituição nacional!) George O'Brien, galã de Films, é conhecido até em Tokio...

Tudo isto, por que?

Por causa do Cinema. Apenas pelo Cinema, o mais gigantesco, o mais notavel de todos os apparelhos de publicidade. Nenhum ha que se lhe compare. O Cinema já tem feito modificações em modas. Em costumes. Em **sports**. Em tudo!

Por que?

Porque não ha nada como sentar numa poltrona de Cinema bom e esquecer os olhos dentro do argumento de um bom Film. Vae-se á fantasia. Volta-se. Passa-se pela realidade. Vive-se um drama. Ri-se um detalhe comico. Esquece-se, emquanto corre a historia, contas atrasadas, aborrecimentos, molestias, intrigas, questões pessoaes, odios, amores.

# Illu

Tudo! Uma hora e tonto no Paiz do esquecimento. E esse esquecimento é a illusão. A illusão, por sua vez, a felicidade... E quem não quer ser feliz, nem que seja por hora e pouco, gastando apenas 4 ou 5$000?...

um especto, este, que, favoravel ao Cinema norte-americano, é destavoravel ao Brasileiro. O Cinema Brasileiro, para dar illusão, luta com muito maior difficuldade.

O norte-americano, quando começou a fazer Cinema e collocou essa industria logo como das primeiras do seu Paiz, pegou todos os elementos e concentrou-os na extrema California. Quatro dias continuos de viagem de New York! Assim uma especie de Goyaz, para nós que aqui nos achamos na Capital Federal. De Los Angeles, uma Cidade grande e prospera, tirou um bairro. Hollywood. E nelle começou a construir Studios. Hoje é quasi que só em Hollywood que se concentram as forças Cinematographicas do Paiz. As tentativas de New York são poucas e infructiferas, quasi. Hollywood, tão longe, quasi Mexico, não é tangivel, visualmente, á nem 10% da população do Paiz. E lá, socegados, vão elles criando a illusão. Essa illusão começa pasmando os proprios Estados Unidos e acabam derribando os queixos do restante do mundo...

Todos acham perfeitos os interpretes. Perfeitos as heroinas. Admiraveis os villões!

— Que dentes! Não sei como é que elles conseguem dentes assim!

— Que pelles!

— Que mãos bem tratadas!

— Que gente fina! A gente vê logo que é gente que nasceu dentro de uma casaca!

E assim é que se commenta Hollywood e sua gente. Não interessa o que esteja atraz disso. Interessa o que os olhos vêm.

Aqui no Brasil, os galãs andam pelas ruas, exhibem os ternos, passeiam as sympathias ou as villanices pela Cidade que é justamente a mais populosa e principalmente a Capital do Paiz. Diante do Bellas Artes. Nos chás da Cavé. Por toda Cidade e seus pontos cardeaes!

**Déa e Lú, no studio.**

Topa-se com Ernani Augusto tomando seu banho no Flamengo, como se encontra Decio Murillo com Celso Montenegro em Copacabana.

Carmen Santos ou Carmen Violeta, são vistas diariamente. Os olhos cravam-se nellas e não as deixam mais... Alda Rios não pode sahir duas vezes á rua com a mesma boina que tanta graça lhe dá e Lú Marival é esperada, todas as tardes, pela Avenida toda que já a conhece. E

# são...

assim se dá com todo artista Brasileiro. São apontados pelas ruas. Ainda agora, que o Carnaval se foi, presenciei nitidamente essa popularidade. Estive com um blóco de Cinema Brasileiro pelas proximidades do Jockey Club. F. Bevilacqua, Ernani Augusto, Celso Montenegro, eram commentados por todos quantos passeiavam e olhados com sympathia. Um successo!

Mas um successo, realmente?

Nem tanto...

Essa observação exposta é prejudicial ao artista.

Ninguem sabe que Ramon Novarro, quando encontra heroinas mais altas do que elle, arranja banquinhos para subir e viver sobre os mesmos as suas scenas, para não sahir mais baixo do que a heroina, o que é antes de mais nada ridiculo.

Ninguem sabe que Warner Baxter tem dentadura postiça e Conrad Nagel usa cabelleira porque é quasi caréca.

Ignoram. quasi todos, os cincoenta e muitos annos de Mae Murray.

Não sabem que ha preparados especiaes que augmentam o brilho dos dentes. Que os cilios longos, admiraveis, são postiços. Que lisura da pelle é maquillagem. Que Marion Davies, Joan Crawford Janet Gaynor, Mary Astor e muitas outras são pequenas sardentas e de cabellos de fogo.

Não vêm os "pés de gallinha" daquelles que tingem os cabellos e usam **tape** para esticar a pelle...

Ignoram o volume do artista que é quasi obeso e usa cinta para dar elegancia ao corpo. Tudo isso, porque Hollywood foi sabiamente exilada do mundo todo...

Apenas se lembram que notaram uma falha nos dentes do artista Brasileiro tal, porque o viram e o observaram dos pés á cabeça.

Que o vestido da **estrella** tal era fora de moda e de fazenda inferior. Esquecendo-se de que muitas **estrellas** vestem linon e dão a impressão de terem luxuosas sedas sobre si mesmas...

Um visitante de Hollywood, assistiu á Filmagem de uma producção de Reginald Denny, aquelle tempo ainda na Universal e **astro** de comedias. Viu-o num terno velho, rustico e cheio de noduas de gordura. Pensou que o fosse trocar. Mas elle não só não trocou, como fez muitas sequencias do Film com essa roupa e... apparece admiravelmente vestido... As lentes disfarçam. Enganam. São dignas filhas do rei da illusão que é o Cinema...

Assim é que nossos artistas, expostos como andam, quer aqui quer em S. Paulo, soffrem muito mais attenção e, com ella, victimam-se em desillusões que nem sempre são justas. Ninguem é perfeito, antes de mais nada. E a impecabilidade das creaturas é cousa que não existe em parte alguma do mundo.

Um caso eu sei flagrante. Quando ainda estava em S. Paulo, apresentei, certa occasião, Ronaldo Alencar, que já figurou em **A Escrava Isaura** e **Iracema**, á pessoa de minhas relações que muito o admirava.

A primeira impressão má, foi com os oculos que elle usa para ler e assistir Films ou escrever. Depois, conversando, notei que o meu amigo movia-se ainda mais desillúdido. Não que a prosa de Ronaldo fosse má ou desagradavel. Mas é que elle o tinha conhecido e disso deu mostra quando sahimos da casa do esplendido galã.

— Ora bolas! — exclamou elle, assim que sahimos.

— Onde havia eu de imaginar que Ronaldo Alencar fosse o dono do emporio onde eu compro, na rua Augusta? — E ahi está. Sendo galã, Ronaldo não pode mais ser commerciante e nem cuidar de sua vida, já que o Cinema Brasileiro ainda não dá para pagar ordenados de publicidade de 80 ou, 100 contos semanaes.

**(Termina no proximo numero).**

**Celso Montenegro, capitão interventor em Marambaia.**

# A MORTE DE TYRONE POWER

Tyrone Power era um velho artista dos palcos americanos e do Cinema. O seu nome, por diversas vezes, esteve no elenco de grandes Films e a sua interpretação notavel ficou gravada em milhares de metros de positivo. Os "fans" recordam-se delle, naturalmente em "Onde estão meus filhos", dos velhos tempos da Universal. E de muitos outros. Tyrone. ha muito tempo, estava afastado do Cinema. Andava pelos theatros de New York, em *tournées* pelos varios estados da União Americana.

Ha dois mezes, a Paramount chamou-o para interpretar o papel do Thaumaturgo, na Filmagem falada de "O Homem Miraculoso". Tyrone estava, nessa occasião, no Canadá

Chegou a Hollywood e esperou o dia de enfrentar a camera e o microphone. A sua idade era avançada e a doença que lhe minava o organismo, dia a dia, fazia progressos. Soffria do coração.

Um dia trabalhara no Studio até tarde. Recolheu-se ao quarto do hotel, cançado. Altas horas da noite, sentindo-se mal, chamou o filho que com elle viera para Hollywood. De madrugada, o seu estado peorou e, ás primeiras horas da manhã, expirou, não tendo podido balbuciar uma palavra.

Na ultima scena que representára para "O Homem Miraculoso" preferira estas palavras do dialogo — "Muito breve, morrerei...!" Talvez que o destino brincava com elle, naquelle instante...

O caixa do Studio da Paramount, onde elle Filmava, no dia de Natal, pagou-lhe, como de habito, o seu cheque.

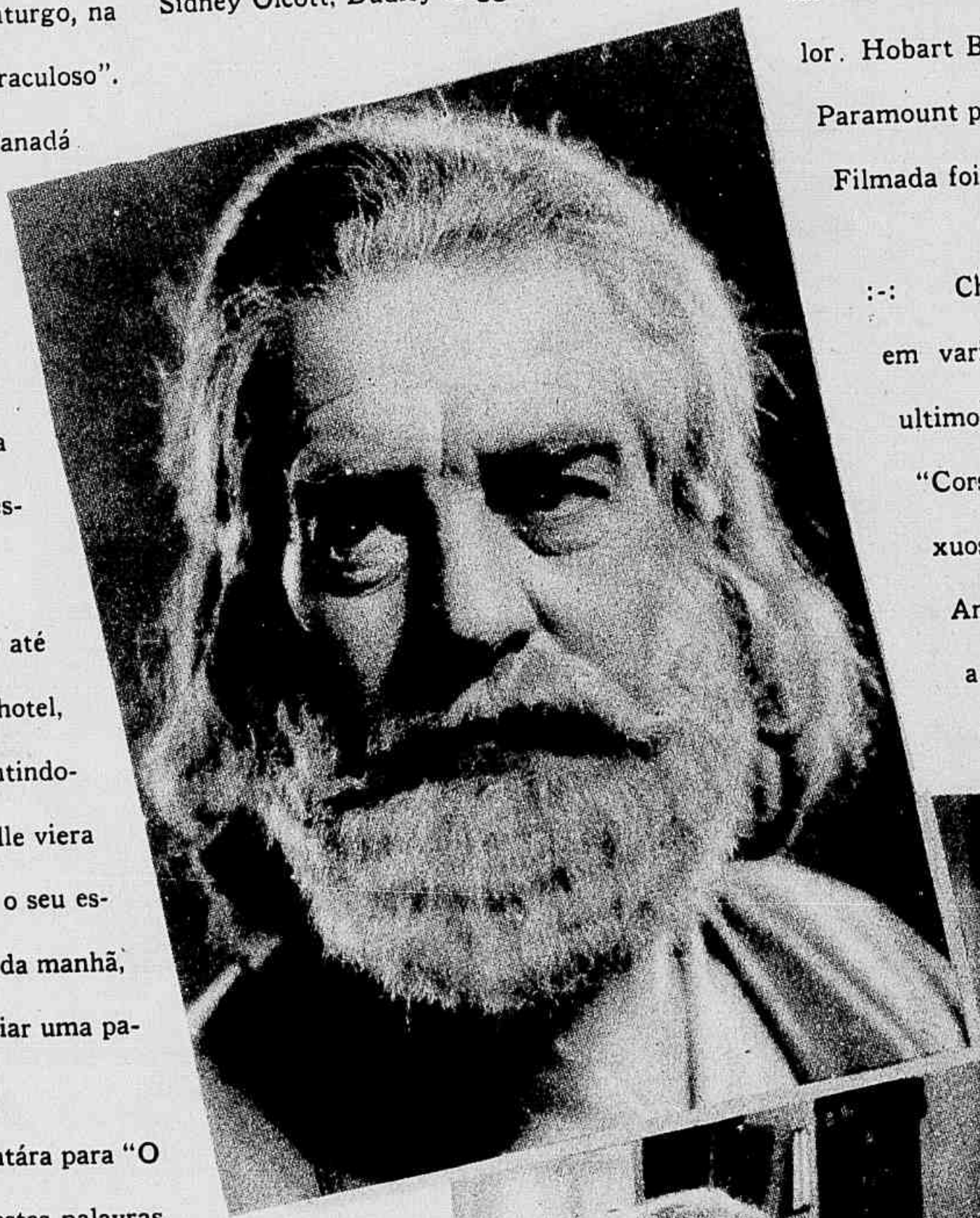
Tyrone recusou receber. Deu ordens que o seu salario daquelle dia fosse distribuido aos necessitados, a esse mundo immenso de famintos e desempregados que perambulam pelas ruas e pelos suburbios da cidade do Film...

Foi a sua ultima boa acção e o seu derradeiro gesto nobre e generoso de uma vida recta e onde a caridade, as boas obras e os actos de philantropia se accumularam em grande escala. O seu funeral foi simples. Poucas pessoas, sómente amigos e o filho, que veiu para Hollywood acompanhar o pae na sua ultima aventura Cinematographica.

Ian Keith fez o elogio do morto. Recitou uma prece breve e simples. Seguraram nas alças do caixão: H. R. Warner, Arnold Lucy, Sidney Olcott, Dudley Diggs, Rupert Julian, Frank Reicher, Richard Tucker, Harold Howard, Charles Miller e Arthur Caesar.

O seu corpo foi queimado e as cinzas levadas pelo filho para a sua residencia, em Isle aux Noix em Quebec. Lá serão, segundo sua vontade, atiradas ás aguas do rio São Lourenço.

A Paramount, num gesto louvavel, reuniu todos os trechos em que Tyrone Power apparece em "O Homem Miraculoso" e offereceu-os á familia do extincto. Assim, terminou a sua carreira na tela um artista de grande valor. Hobart Bosworth foi convidado pela Paramount para o papel, pois a parte de já Filmada foi inutilizada.

:-: Chester Morris, que temos visto em varios Films importantes, e cujo ultimo trabalho para a United Artists "Corsair", acaba de estrear, no luxuoso Cinema da United, em Los Angeles, assignou contracto com a Paramount para uma serie de Films.

*Lembram-se delle no "Rei dos Reis"?*

*Numa scena da edição falada do "Homem Miraculoso", com Sylvia Sidney...*

# O grande mysterio de Hollywood

A historia ás vezes se passa na Africa e torna-se a de um film de animaes ferozes com com passagens heroicas e aventuras assombrosas entre os perigosos nativos... de Central Avenue...

Este artigo é escripto por S. S. Van Dine, o homem que escreveu as historias sobre o detective Philo Vance, que, no inicio do Cinema falado, William Powell viveu tantas vezes. Conhecedor de Hollywood, além de esplendido escriptor, aqui vae elle descrever e explicar o que é o "Grande Mysterio de Hollywood."

* * *

Bem, qual é, então, o grande mysterio de Hollywood?

Simplesmente isto: — o facto de um Film ser realmente exhibido.

Se você acha que isso não é um mysterio, dê-me o braço que o levarei directamente aos processos pelos quaes passa um Film antes de ir se achatar na tela de um Cinema, diante de um publico.

Antes de mais nada, alugam um escriptorio (uso a palavra "alugam", aliás, com lagrimas nos olhos...) e lhe perguntam, incontinenti, que idéas tem elle para um espectaculo admiravel de audacia, sensação e successo. E' logico que esse escriptor não tem idéa alguma, mas disso é que elle não sabe... E, assim, diz:

— Bem... Teremos um rapaz e uma pequena... Para que cheguem ao socego, no amor, encontram varias lutas e armadilhas, diante da paixão dos mesmos... Depois conseguem dar o beijo final!

A pequena, fica combinado, usará botas de montaria, um grande chapéo de palha... e pouco mais do que isso...

A idéa é immediata enthusiasticamente applaudida e aceita, a despeito, mesmo, da sua concepção ousada e demasiadamente original e immediatamente aconselham o autor a entrar nos trabalhos activos da obra prima. Elle o faz, realmente e verte um **synopsis** de cerca de mil palavras.

Convoca-se uma conferencia. Ao redor de uma mesa de ouro, cravejada de brilhantes, sentam-se 150 chefes de producção, supervisionadores, scenaristas directores, **gagmen**, operadores, cortadores e todos com suas respectivas mulheres e creanças.

O autor, depois de religioso silencio, lê o **synopsis**. Dividem-se as opiniões a respeito do merito do trabalho — isto é, existem 150 opiniões differentes — todas contra, aliás. Depois de oito horas de debate, dizem ao escriptor que continúe a apresente historia em fórma mais trabalhada, mudando o **plot** para que surja um Film de **gangsters**, sendo que, no final, deverão ser eliminados tanto o rapaz como a pequena. O beijo final tambem.

O escriptor vae para o seu escriptorio e trabalha a historia como lhe aconselharam. Entra pelos horrores todos da terra dos contrabandistas e do negocio de cerveja e liquida, ao fim do trabalho, sommados direitinho, quarenta e sete individuos que são empilhados cuidadosamente ao canto da historia.

Convoca-se nova conferencia. Ahi reunem-se 250 chefes de producção, etc., etc., etc., com suas respectivas mulheres e crianças. Vêm tambem tias, tios, avós, criados, cozinheiros, criadas e enfermeiras.

Depois de consecutivas dezeseis horas de discussão, de falta de contentamento e discordancias, a historia, como está delineada, é aceita, sendo que, no emtanto, algumas modificações ligeiras são introduzidas. Isto é: — eliminam-se os **gangsters**, os vendedores de cerveja, os cadaveres tambem. A historia soffre uma pequena modificação atôa: — é o romance da heroina Tessie Tittle e passa-se ao Sul de França, no seculo quatorze. O thema do Films, ahi, é a emancipação da mulher, com Tessie, deixando a velha Inglaterra e gritando aos povos que vae viver a sua vida, aconteça o que acontecer. Toma um avião e torna-se az da Gran de Guerra.

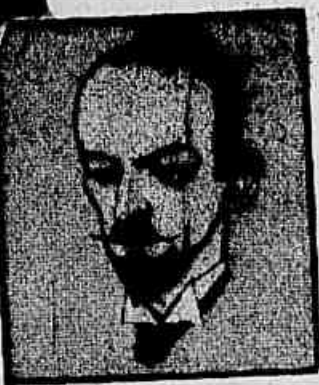
Dessa fórma, o escriptor novamente volta ao seu gabinete de trabalho. Faz essas ligeiras modificações e aguarda a proxima conferencia.

A essa, comparecem 470 chefes de producção, etc. etc., incluindo, ainda, etc., etc., etc., e as crianças que tenham nascido, porventura, nos intervallos das discussões, acompanhados, ainda, só Exercito da Salvação, da Ordem de Protecção e Amparo dos Desempregados, de representantes da Camara de Commercio e da Milicia Estadual.

Depois de trinta horas de discordancia, dizem ao autor que Tessie Tittle não vale nada e que outras ligeiras modificações devem ser feitas, de maneira que a historia se possa passar como vehiculo para as aventuras de Buck Moran, o "sanguinario", heroe de seis revólvers e campeão do **far west**. A scena muda-se para as terras inhospitas do Arizona e o **plot** passa a ser a respeito de uma pequena que sahe de um collegio, da Cidade, com o proposito de reformar os máus instinctos de Buck, o sanguinario.

Depois de mais dezoito conferencias, com presença de quasi todas as populações de Los Angeles, Santa Ana, Orange Counties e redondezas, dizem ao autor, finalmente, que escreva sua continuidade, mas com mais algumas breves modificações. Buck, o sanguinario, tem uma grippe. No dia em que elle cahe grippado, surge um leão no **lot**, desdentado e velho. Mas — já sei que adyinharam, leitores perspicazes!... — o Film torna-se incontinenti um Film de féras e selvagens, com florestas incendiadas, selvas perigosas, nativos da Africa central, perigosos, malaria e moscas tsétse.

S. S. Von Dine

Depois de seis semanas de intenso trabalho (durante as quaes realisam-se, ainda, quarenta e duas conferencias privadas) o autor noticia que a continuidade acha-se prompta para ser Filmada.

Mais uma conferencia é annunciada. Toda a população da California comparece e até parte do sul de Tahachapi.

Tres dias de lutas e discussões e, afinal, depois de cada um ter posto sua idéa em plano, um chefe de producção, que se achava em New York mas que acompanhára tudo pelo telephone, diz:

— Tsétsé não é alguma cousa que morde cavallos?

Os 8.000 **yes men** presentes, fazem suas obrigações.

— Nesse caso...

Continúa o chefão.

— Porque não fazemos, disto tudo, um Film sobre corridas de cavallo? Além disso, saibam, alguem de outro Studio já veio aqui emprestar o leão. Restanos o caso de fazer o Film sobre corrida de cavallos e temos dois que foram aquelles com os quaes fizemos Films de **far west** em 1902, lembram-se?

Os 8.000 **yes men** tornam a cumprir a obrigação.

Volta o autor, dessa fórma, ao seu escriptorio, faz mais algumas ligeiras modificações e depois de seis semanas de intenso trabalho (durante as quaes realisaram-se oitenta e quatro conferencias privadas), annuncia, novamente, que a sua continuidade está prompta para ser Filmada.

Passa-se a historia agora em Kentucky, na época do Derbb. Os **close ups** da linda garota do sul elevam-se a 340. Ella traja roupas de montar e dá 340 torrões de assucar ao seu cavallo favorito. Este cavallo — advinharam de novo, não é?... — ganha um pareo, tendo 1.000 apostadores contra e, com o premio, a pequena resgata a hypotheca das mãos do villão e dá o socego ao velho e falido Coronel. (As bebidas do Coronel, cheia de galhos de arvores, em forma de refrescos, são cortadas por causa da censura que pode pensar que aquella innocente bebida tenha **whiskey**). A pequena, fica combinado, usará botas de montar, um grande chapéo de palha e... pouco mais do que isso.

Nova conferencia é combinada. Populações presentes: — California, Oregon, Washington e Nevada. Já era francamente uma Assembléa! Depois de quinze dias de arengas, com idéas absolutamente differentes, umas das outras, chega dos estabulos a noticia de que os dois cavallos morreram de velhos emquanto o scenario estava sendo discutido.

Tessie Tittle voltará á baila. O saguinario Buck volta á saude, salvando-se da grippe. O leão é devolvido ao Studio. O que fazer? Ninguem decide. Então todos decidem jogar polo ou golf durante dois dias, para refrescar as idéas.

Depois de muito procurar, no emtanto, um dos 685 chefes de producção ergue-se.

— Achei! Bôa historia que o autor nos arranjou, sem duvida, mas o que lhe falta é allivio comico. Ou fazem uma comedia ou o fracasso é certo. Porque não fazemos um Film sobre um concurso de arremesso de pastelões, em vez de um Film sobre corrida de cavallos?

Os 8.000 **yes men** batem palmas, entôam o hymno das **Estrellas Unidas** e dizem um forte **yes** em todas as linguas do mundo, incluindo a scandinava.

Meu Deus! Agora é o autor que tem um colapso! Duzentos e cincoenta auxilliares do almoxarifado, conduzindo duzentos e cincoenta medicos, apparecem e conduzem o corpo para fóra do local.

Os 975 chefes de producção concordam, então, que autor, afinal de contas, não é objecto de tantamonta, assim e conclúem que andaram é perdendo o precioso tempo. (Alguem bate num copo com agua).

Assim, sete directores, quatorze assistentes de directores, vinte e oito sub-directores assistentes, cincoenta e cinco infra-sub-assistentes de directores, 112 assistentes dos infra-sub-assistentes, 224, sub-assistentes dos infra-sub-assistentes, e 448 supervisionadores são chamados e lhes é dito que façam um Film em sete actos sobre concurso de arremesso de pastelão num assumpto sinceramente comico.

Cada qual tem direito de recorrer á sua padaria respectiva para os pastelões. A falta de pastelões faz com que essa multidão de directores, assistentes subs e infras decidam fazer um Film sobre um automovel que na corrida, passa adiante de um trem em disparada e que se arremessa, depois, ao encontro de um rochedo sem appelação.

**(Termina no fim do numero).**

# Juliette Compton...

Gosto...
e
muito!

Com você,
este negocio
de amor... convem...

CLAUDIA DELL

cinearte

Se alguem as olhasse, num relance, não diria que eram mãe e filha. Valentine e Diane iam a todos os logares juntas. Frequentavam as mesmas festas. Divertiam-se com igual enthusiasmo. E, o que era melhor ainda para ellas, Paris era a Cidade onde viviam...

propunha casamento. E Diane, indo além disso, era a amante de André de Graigon, sendo que, para a filha, no emtanto, nada mais eram do que "amiguinhos".

Uma tarde, quando Valentine e Tony davam o passeio usual das tardes e Tony mostrava-se mais aggressivo, amorosamente falando, correndo mesmo certo risco o impeccavel traço rubro dos labios della, o automovel em que iam chocou-se inesperadamente,

Muitas as apontavam como irmãs. Não davam credito quando Diane dizia-se mãe de Valentine e nem quando esta affirmava ser Diane sua mãezinha muito querida. Entre ambas, além disso, ıavia uma communhão de sentinentos intimos que as tornava ›rofundamente amigas. Destruia-se, talvez, o respeito de filha ›ela mãe e o amor visceralmente naternal pela filha, mas nascera, as cinzas desses dois affectos, ım outro, maior e tão sagrado ıuanto ambos, numa amisade em termos para a explicarem em.

Os corações de ambas, pelo do romantico da vida, tinham us occupantes. Valentine tinha entregue o coração a Tony, m americano que mostrava amal-a extremamente, mas ue não lhe

numa curva fechada, com o de Bob Blake, um rico filho de familia conservadora de Boston, tambem americano do norte, portanto.

No desastre nada houve de anormal. Bob não se feriu seriamente. Nem Valentine e nem Tony. Apenas um pé de Bob maguou-se e assim, Valentine e Tony foram forçados a levarem-no para casa.

Dias depois, dava-se o esperado. Bob, sincero, simples e mais digno, conquistou promptamente o coração de Valentine que julgava amar Tony e apenas

agora via o quanto era falso esse affecto. Tony foi logo posto fóra de cogitações e o coração de Valentine passou a vibrar inteiramente por Bob, que, por sua vez, tambem se apaixonou desregradamente pela estimulante pequena.

Poucas semanas depois Bob pedia-a em casamento e ella acceitava, sem mais nada dizer, apenas por querer realizar o seu sonho: — ter encontrado o homem que realmente fizéra pulsar seu coração.

---

A visita dos paes de Bob e familia, conservadores e rigidos de priniipios como eram, veiu, em parte, criar certos embaraços ao amor de Valentine e Bob. Era preciso que ella lhes offerecesse uma recepção e, nella, mostrasse suas qualidades de caracter, bem visiveis. Disso dependia a approvação e o assentimento dos paes delle para a effectivação do casamento.

# NESTE

(THIS MODERN AGE) — Film da M. G. G.

JOAN CRAWFORD . . . . . . . . . Valentine
Neil Hamilton . . . . . . . . . . . . . . . Bob
Pauline Frederick . . . . . . . . . . . Diane
Monroe Owsley . . . . . . . . . . . . . Tony
Hobart Boswort . . . . . . . . . . . Mr. Blake
Emma Dunn . . . . . . . . . . . . Mrs. Black
Albert Conti . . . . . . . . . André de Graigon
Adrienne D'Ambricourt . . . . . . . . . Marie
Marcelle Corday . . . . . . . . . . . . . Alyce.

Director: — NICK GRINDE

Durante a festa, um "garden party", tudo corria normalmente, representando Valentine e Diane papeis que não eram os seus. Bob, moço

comprehenderia. Mas os
lelle não saberiam distinguir
trigo, conservadores como

sta, no emtanto, estragada
a chegada de uns amigos não
dos e não convidados. A ala-
e delles, a falta de polidez, de
ção e principalmente de mo-
n certos actos, põem os paes
b resolvidos a deixarem im-
tamente a casa. Retiram-se,
ente e Bob, que os acompa-

A resposta della é uma revolta que não pode conter. Expulsa o homem que ama de sua casa. Sua mãe é sua melhor amiga, sua companheira. Não póde ouvir falar della, deixar que a diffamem dessa fórma. Bob sahe. Ha um grande desespero no coração de ambos. Mas o remedio é apenas aquelle...

Sabendo do que ella fizéra, Diane mostra-se a principio surpresa. Depois, vendo que do seu golpe depende a felicidade da filha, mostra-se vil nos seus actos e debochada no affecto que tem por André, uma cousa que seria legalisada, no emtanto, já que ambos tambem

té á sahida, promette logo re-
r ao hotel com uma explica-
atisfatoria para aquillo. Mas
o vae procurar Valentine, sem
r observa Diane, sua futura
, numa situação compro-

# ...eculo X

mettido ra em companhia de André de Graigon.

Procurando Valentine, elle lhe expõe, cla-
nte, o que vira e o que pensa
daquelle procedimento de sua
Ella não crê. Procura a mãe.
fica-se. Volta. Bob insiste em
lla abandone aquillo tudo. A
que é indigna, os amigos que
rniciosos, os
cidos que
êm caracter.

se amavam. Valentine, horrorisada, desillludida, acceita a constante proposta de Tony. Fugiria com elle, seria sua amante e talvez, desgraçada assim, fosse mais feliz...

Apenas ella sahe, em companhia de Tony, chega Bob. Elle reconsiderára o seu acto. Vinha para pedir desculpas a ambas. Diane informa-o do succedido. Pede a Bob que corra em procura de Valentine. Elle immediatamente o faz e em companhia de sua futura sogra...

No hotel, Bob, sem mais delongas, atira-se sobre Tony e põe, ali mesmo, uma velha conta em dia... Depois, antes mesmo de Valentine ter tempo para reagir, toma-a nos braços e leva-a para a companhia de Diane.

Durante a viagem de volta, reconciliam-se os tres. Bob, afinal, comprehende o absurdo da exigencia social de sua familia e acceita Valentine por esposa e Diane, por sogra, mais feliz e mais apaixonado do que nunca.

"Alias the Doctor", da First National, tem Richard Barthelmess no primeiro papel e Michael Curtiz na direcção.

+ + +

A casa de residencia de Joan Crawford e Douglas Fairbanks Jr. era estylo hespanhol. Depois, de commum accordo, mudaram-no para inglez e, agora, entregaram á casa de William Haines (um dos mais afamados decoradores de interiores de casas actualmente, em Hollywood) o serviço de mudar tudo de novo para estylo colonial americano e já está o serviço prompto, ao gosto dos seus donos.

+ + +

Frank Albertson é casado com Virginia Shelly e David Manners, com Suzanne Bushnell.

+ + +

O elenco de "The Wiser Sex", da Paramount, é o seguinte: Claudette Colbert, Melvyn Douglas, que veiu do palco e já trabalhou com Gloria Swanson em "Tonight or Never", Lilyan Tashman e William Boyd, do palco.

+ + +

Victor MacLaglen já terminou para a Fox — "While Paris Sleeps", em que tambem apparecem Helen Mack, William Bakewell, Rita La Roy, Maurice Black, Lucille LaVerne, sob direcção de Allan Dwan.

# Porque Constance

Acho que não existiu mulher alguma que Hollywood detestasse tanto quanto Constance Bennett.

Acho que não existiu cidade alguma do mundo que, como Hollywood, fosse tão detestada por Constance Bennett.

Não me refiro a Films. Constance gosta do seu trabalho, nelles e ama a sua carreira. O que quero dizer, acima, é que ella detesta a cidade sob o seu aspecto social e intimo e aos entes que a habitam. Uma vez ella me fez esta pergunta: — "Você se recorda de já ter visto cidadezinha mais idiota do que esta ? ".

Por outro lado, fala-se della nestes termos: — "Criaturinha convencida e sem graça. Pretenciosa ! Insupportavel é essa Constance Bennett ! ". Não são só os jornaes e nem as revistas que suggerem isso. Artistas, electricistas, extras, gente em penca pensa da mesma fórma e diz, de Constance Bennett, o mesmo.

Todo caso tem duas faces. Casamento, politica, lei secca. Tudo isso tem duas faces. A do accusado e a do accusador.

Ha o caso de Hollywood e ha o de Constance Bennett tambem, é logico.

Vou tentar reproduzir ambos, imparcialmente e deixar ao publico que me ler o direito de julgar por si mesmo o que pensa de tudo isso. Advirto-os, no emtanto, como um advogado a advertir jurados, que Constance Bennett jamais perdeu uma discussão, em toda sua vida. Os productores sabem disso. E' bem por isso que dão logo o preço que ella pede, em *primeiro*, para que ella não tenha opportunidade de reconsiderar e pedir *mais*, depois...

O proprio casamento de Constance não correu normalmente. Quando chegou a hora do annel, o *Marquis* soffreu uma hezitação. E' que o annel não queria entrar no dedo e houve impaciencia de parte a parte. Vendo isso, Constance exasperou-se e disse uma serie de palavras... bem, não justamente a sorte de palavras que você espera de uma pequena fina e distincta como Constance, mas de toda fórma sufficientes para que a alliança entrasse no dedo.

A recepção que se seguiu, soffreu accidentes, igualmente. Constance não gostou da attitude de certos convidados. Bastou isso para que ella lhes dissesse, um a um, o que pensava delles e de uma maneira absolutamente inedita numa noiva tremula e emocionada como devem ser todas as noivas nesse dia solemne.

Hollywood já teve varios desses incidentes. Gosou-os devidamente. "Essa Constance Bennett é mesmo incorrigivel ! Imaginem que não conseguiu chegar ao termo do proprio casamento sem dizer e fazer grosserias !" Foram os commentarios que se ouviram.

Incidentalmente, Constance está sendo criticada por outro lado tambem. Photographos e jornalistas postaram-se de fórma a poderem cumprir a obrigação dos seus respectivos serviços: — photographarem e tomarem notas sobre o casamento internacionalmente esperado della e do ex-Mr. Gloria Swanson. Pois ella não os convidou para entrar e ainda os maltratou com ameaças, fazendo-os esperar ao frio, tanto quanto quiz.

Aconteceu que Constance tinha notificado o seu departamento de publicidade com vinte e quatro horas de antecedencia. Diana Fitzmaurice, irmã de Lois Wilson e esposa de George Fitzmaurice e em cujo lar celebrou-se o casamento, disse a noiva que gente de jornal e photographos ella não apreciaria em sua casa. Ella não tinha sala e nem logar algum para os accommodar. Constance disse que elles não seriam accommodados, porque o casamento della ia ser *privado*. Alguem, a este respeito, fez um commentario: — "O que? Casamento privado de uma criatura publica como Constance Bennett ?".

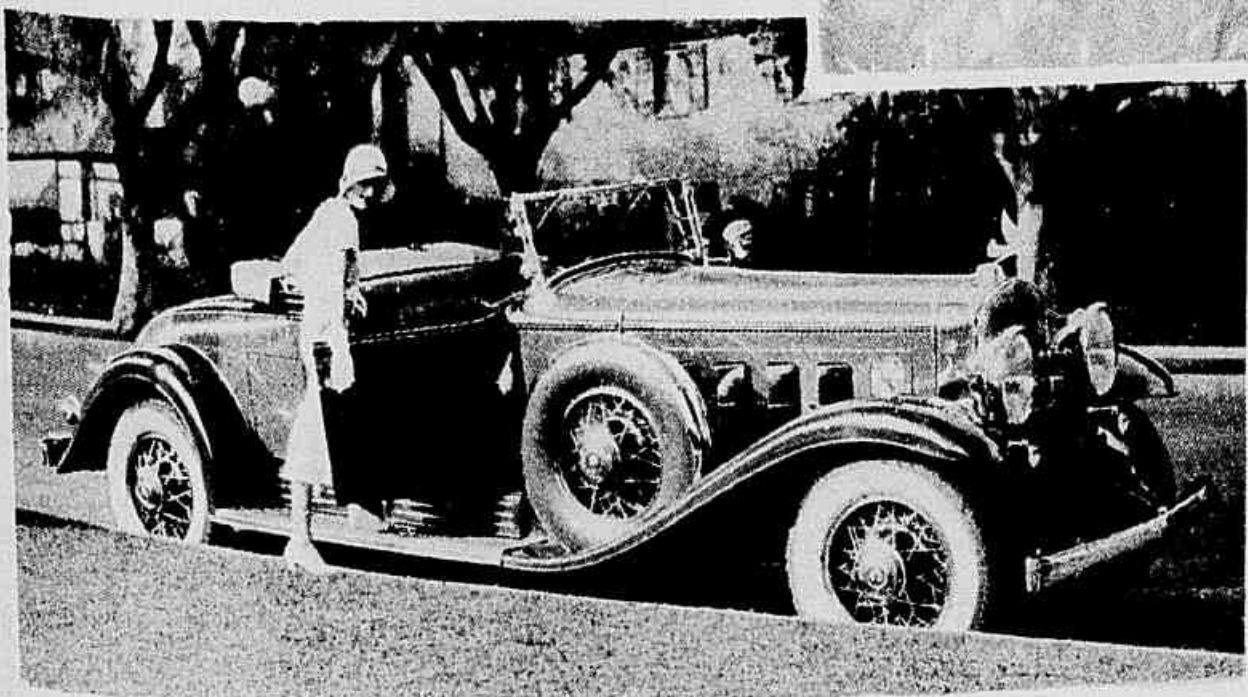
Mas Constance, é certo, não se considera uma criatura publica. Ella se acha uma *pessoa* e não uma *personalidade*. Como mulher e criatura, portanto, julga-se no direito de se esquecer dos seus deveres de *personalidade*. Ella tinha arranjado uma maneira do departamento de publicidade comparecer e mandar um photographo e um escriptor que soubessem fazer a cousa discretamente, distribuindo photographias e informações com methodo. Se os jornaes não

acceitassem isso (é o departamento de publicidade esqueceu-se de notificar os jornaes a este respeito e sobre as vontades della) nada mais tinha ella a ver com o caso. *O seu casamento seria privado!* E foi. Os que não a supportam, fizeram escandalo a respeito do seu tratamento frio e reputado brutal.

Ella teve difficuldades com os departamentos de publicidade da M.G.M. e da First National. Na M.G.M. ella foi accusada de ter recusado deixar-se photographar no numero sufficiente de *stills* para publicidade de *Tentações do luxo*. *Stills* são considerados muito importantes. São photographias pelas quaes um Studio annuncia seus Films.

Mas ella não recusou tirar os *stills*. Ella se recusou a tirar *certos stills*. Um, principalmente. Elles a quizeram photographar numa ausencia absoluta de roupas, justamente como apparecia numa determinada scena do Film. "Não! Daqui ha cinco annos, quando estiver casada e minha familia estiver formada, não quero que olhem retratos meus, desnudados, e, depois, venham dizer que eu não sou digna!".

# ... não é popular em Hollywood

A razão era de Constance, innegavelmente, mas elles tentaram discutir. Elles não sabiam que não adiantava discutir com uma Bennett. Ella propoz que a photographassem num *negligée*. E ella prometteu que appareceria no seguinte sabbado para tirar os *stills* do geito que ella tinha proposto. Mas no sabbado seguinte ella adoeceu. E' logico que ninguem deu credito á essa doença. Eis porque affirmam que ella não tirou o numero sufficiente de *stills* e tambem porque ella, com a sua razão, nega isso e diz que o fez.

Depois ella foi para a First National. O departamento de publicidade quiz que ella se photographasse ao lado do pae, que com ella trabalhava no Film em questão, *Comprada*, olhando ambos para o interior de uma caixa de maquillagem.

— Isso é original?...

Perguntou ella ironicamente.

— Quando vocês arranjarem cousas realmente novas e interessantes, chamem-me que eu virei para os *stills* que quizerem.

First National tambem quiz *stills*. Elles tinham ouvido a historia M.G.M. Pediram a Constance que lhes marcasse um dia.

— Ahi estarei no proximo sabbado, das duas ás cinco.

— Nós prefeririamos ás dez, Miss Bennett!

— Eu já disse: — das duas ás cinco. E quando digo das duas ás cinco, é porque vae ser das duas ás cinco, entendem?

Isto foi verdade, aliás e mais adiante provaremos.

— Mas esse tempo é pouco para tirarmos o que precisamos, Miss Bennett. Precisavamos de um dia todo. Se viesse ás dez...

— Das duas ás cinco, poderão tirar mais de cem *stills*. Estarei ás duas como disse.

Ella estava ainda com a razão e o sangue Bennett continuava com as suas expansões irrefreaveis...

Darryl Zanuck e outros chefões entraram pelo *set* a dentro. O chefe da publicidade foi a elles e citou o caso M.G.M.

*(Termina no fim do numero).*

Gilbert e Garbo nos bons tempos...

Da Hollywood antiga e da moderna, Katherine Albert pode falar. Ella está no officio desde que o Cinema existe e é por isso que todos a consideram uma das melhores jornalistas Cinematographicas da America do Norte. Um seu artigo sobre Greta Garbo, ha tempos, succitou respostas innumeras e as mais violentas contestando o que ella no artigo affirmou. Mas era uma sua opinião pessoal sobre a **estrella** suéca e essa ninguem lha póde tirar. Vamos dar a traducção desses artigos, á esmo, sem nos preoccuparmos com a ordem em que vieram escriptos. E' uma cousa que não importa, essa e, por isso, começamos pelo commentario que ella faz de Greta Garbo, John Gilbert, Lew Cody, Aileen Pringle e outros.

* * *

Antes de sahir do seu camarim, pela manhã, John Gilbert costumava, invariavelmente, passar pela sua secretária e dizer: — "Se Miss Garbo chamar, responda-lhe que eu não estou."

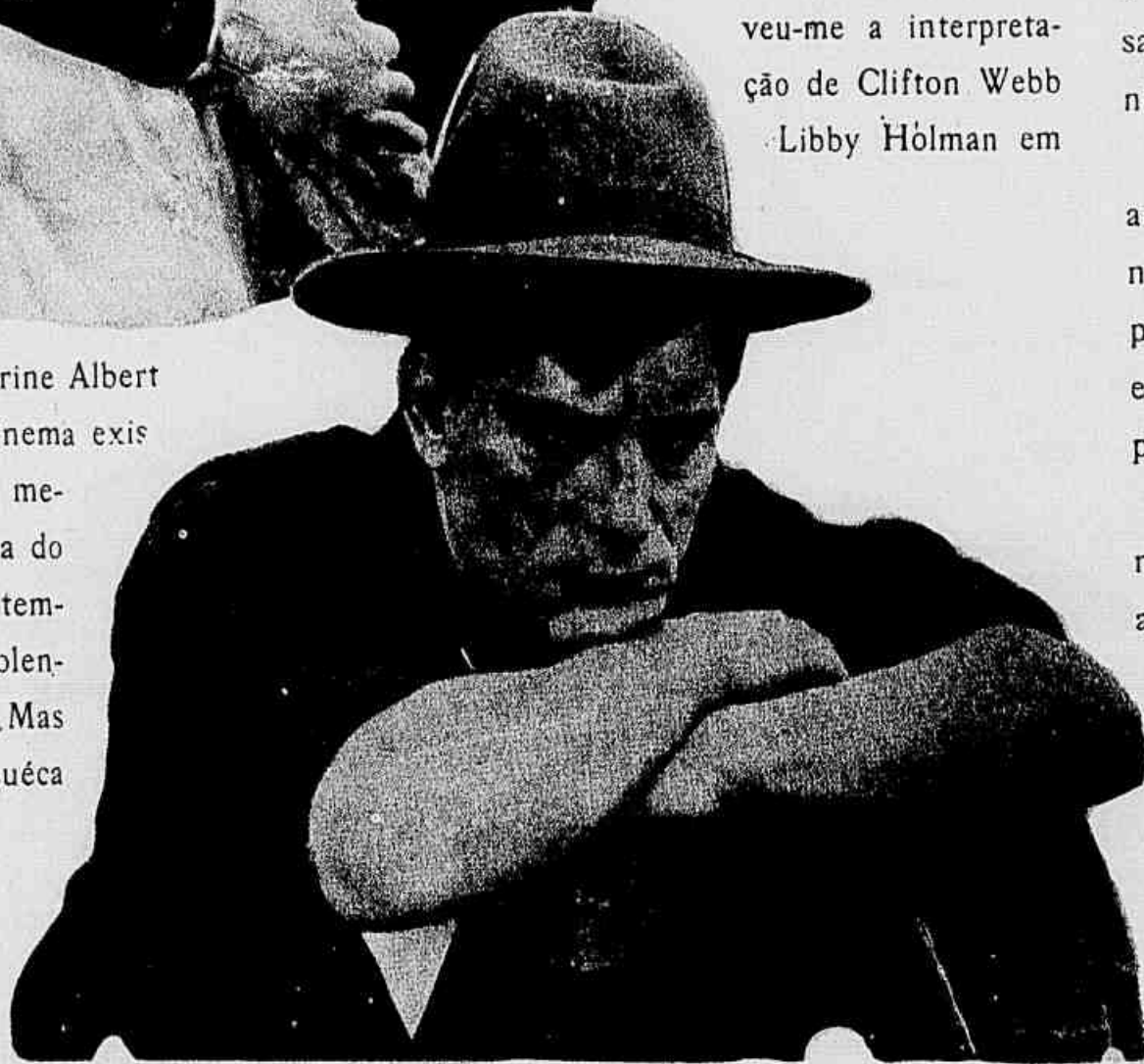
Quarenta minutos depois, voltava. Preparava-se para Filmar. Já maquillado, sahia e tornava a dizer á secretária. "Se ella telephonar, agora, diga-lhe que não estou." Tornava a voltar. Perguntava. "Telephonou?" A secretária invariavelmente respondia que não e não mentia... E elle continuava dizendo: — "Mas quando telephonar, diga-lhe que não estou."

A' tarde, no emtanto, desesperado. "Chame-a ao apparelho, sim?" Dizia elle á secretária. E era assim que todos os dias terminavam.

Isto se dava ha cinco annos passados, quando o romance John Gilbert — Greta Garbo estava na sua culminancia. Era uma phrase typica desse caso que você, leitor amigo, talvez tenha chamado de loucura, mas que John chamava simplesmente de amor.

Jack idolatrava Greta Garbo, não ha duvida a este respeito. E ella? Ella lhe pagava numa attenção fria e desapaixonada. Já se escreveram milhares de palavras sobre esse affecto vulcanico que os embalou, mas conhecendo como conheço os caracteres principaes da historia, creio poder dar a ultima palavra sobre o caso. Começemos com Jack Gilbert.

Existe muita gente que não gosta de Jack. Eu sou das que o apreciam. Naquella epoca, elle era, dos rapazes que punham **grease paint** no rosto, dos mais tempestuosos e arrebatados. Conversei varias vezes com elle, horas e horas. Ou antes: — ouvi-o falar horas e horas. Eu o vi, antes disso, passeando horas e horas pelo seu modesto camarim de outróra, a pedir, cheio de fé, que o deus do Cinema lhe desse chance para mostrar o que era e o que podia fazer. Vendo-o, observando-o, cheguei á conclusão de o conhecer melhor do que ninguem. Tão vigorosa era a personalidade de John Gilbert, tão terrivel o seu dominio e tão intensa a sua paixão pela vida e pela arte, que qualquer pessoa que delle se approximasse teria que sentir, por força, a potencia da sua personalidade.

Lembro-me de uma occasião em que elle, conversando commigo, descreveu-me a interpretação de Clifton Webb Libby Holman em

**Lon Chaney era o melhor amigo de todos os artistas da Metro Goldwyn...**

**Moanin' Low.** Tão dynamico foi elle na descripção, tão imperativo e justo nos gestos e na reproducção do que vira e apreciára, interpretando admiravelmente os dois papeis differentes, para poder demonstrar o que commentava, que, mezes depois, quando vi esse espectaculo em New York, achei os artistas originaes fracos e quasi desenxavidos, nos seus papeis.

Qualquer cousa o perseguiu sempre na sua carreira, no emtanto. Quasi nenhuma vez lhe foi dado viver aquillo que elle é realmente capaz de o fazer. Excluido **O Grande Desfile,** outro papel semelhante elle não mais teve. Temperamental e emmocional como elle sempre foi, no emtanto, sempre foi abundantemente infantil na doçura e na delicadeza de certas attitudes e gestos. Sempre foi extremamente amigo de seus amigos e maguava-se frequentemente com a mais ligeira indelicadeza de qualquer um delles. Artista até na vida real, eis o que elle sempre foi.

Foi por isso que eu me senti até infeliz quando, sem o querer, maguei-o, certa vez. Eu me achava ainda no departamento de publicidade da M. G. M., nessa apoca e, por esse periodo, mais ou menos, Jim Tully escreveu e publicou, num magazine nacional, um artigo que eu achei indelicado e mentiroso em varios pontos que se réferiam a John. Disse isso a Jack e, ainda, que ficaria immensamente satisfeita se o visse amarrotando o nariz de Jim com dois bons murros.

Jack não me respondeu. Deixei o **set,** naquelle dia, sentindo que tinha falado demais. Em casa, aquella noite, comprehendi que o que elle sentira, fôra apenas modestia de se ver assim defendido. Mandou-me uma caixa com lindos botões de rosas e um cartão delicado dizendo o quanto elle estimava vendo-me ao lado da sua causa.

Sempre fomos bons amigos profissionaes. Nunca ligou a jornalistas que o queriam entrevistar. A' mim, no emtanto, depois que passei a collaborra para o **PHOTOPLAY,** nunca me negou uma informação ou qualquer dado que eu lhe pedisse para uma historia.

Foi mais ou menos por ahi que elle fez o seu primeiro Film falado, lembram-se todos e o Film revelou que a sua voz não estava á altura da sua personalidade. Escrevi uma historia, a esse respeito, que intitulei: — "John Gilbert vencido?" Foi a primeira cousa que se publicou a respeito do seu fracasso. Pensei que estivesse sendo attenciosa com elle. No ultimo paragrapho disse que eu o achava sempre o mesmo admiravel Jack de outros tempos e que uma cousa pequenina e simples como um microphone certamente não o iria liquidar.

Jack recebeu o magazine tarde de uma noite. Leu o artigo. Depois é que soube que elle soffreu uma cruel agonia com aquelle artigo, a noite toda e que andou vagando por Beverly Hills num desespeero alarmante. Pensou até em me telegraphar e me dizer umas cousas que de mim pensou.

Eu o quiz ver para lhe dizer com que fito honesto tinha escripto a minha historia e o quanto tinha pensado auxilial-o tratando-o assim gentilmente deante dos olhos do publico. Mas elle não mais me quiz ver. Depois disso, jamais me quiz ver de novo. Pelo que elle se maguou com o que escrevi, sinto-me profundamente aborrecida, garanto e só hoje é que comprehendo o quanto uma pessoa de seu temperamento e do seu sentimento pode soffrer com uma phrase dura, mesmo vinda de um bom amigo.

Pois é isso que eu descrevi o Jack Gilbert que todos os **fans** do mundo idolatram. Ha, agora que lhe conhecem

# A desconhecida Hollywood

alguns detalhes, admiração qualquer no facto delle se ter apaixonado terrivelmente pela creatura de gestos, lentos pensamentos, olhos cahidos, que é Greta Garbo? Nada ha para admirar. Quando Clarence Brown apresentou John Gilbert a Greta Garbo, no dia da primeira Filmagem de A **Carne e o Diabo** (elles trabalhavam no mesmo **set,** ha mezes, mas ainda não se conheciam, pessoalmente), a paixão de John, por ella, foi instantanea, violenta e voraz. Mas, pelo seu temperamento, é estranha essa paixão?

Elle a adorou. Quiz que o mundo todo soubesse disso. E, diga-se, Jack jamais teve segredos guardados para o mundo. Comprou um **yacht** (que lhe custou um sacrificio grande!) só porque pensou que ella amasse o mar. Chamou ao barco, **A Tentadôra** (era o titulo do seu segundo Film, **Terra de Todos).** Semanas depois, estavam anchorados proximo á bahia de Catalina. Jack convidou uns amigos de um **yacht** vizinho para entrarem e visitarem Greta Garbo. Ella se recusou a isso, sem a menor explicação e a menor delicadeza. Foi o sufficiente para que elle immediatamente resolvesse vender o **yacht** e com grande prejuizo financeiro, diga-se.

Elle a chamava **Flicka,** o que, em suéco quer dizer **menina.** Uma palavra delicada, não é? Dita pela voz apaixonada de John Gilbert, então, parece, sem duvida, uma caricia infinda. Elle a cercou de todo seu profundo amor e affecto sincero. Levou-a a todas as partes possiveis e ima-

ginaveis. Assim que as festas ou os passeios a aborreciam, levava-a para longe, afastando-a incontinenti do local. Deu-lhe lindissimos e delicados presentes. Quando ella mostrava aborrecel-os, cançada delles, levava-os embora, subitamente e bastava, para isso, que ella demonstrasse não mais os estar apreciando e não mais os desejar ver... E isto, nella, era um facto commum. A's vezes discutiam. Brigavam. Separavam-se, dias e dias. Elle sempre impetuoso, selvagem. Ella sempre indifferente. Pensando vingar-se disso, elle dizia á secretária que, se ella o chamasse ao telephone, que não estaria. Mas Greta Garbo jamais o chamou ao telephone. Jack, torturado pelo seu despreso, chamava-a. Humilhava-se. Fazia tudo para tornar ás bôas com ella.

O observador mais arguto não seria capaz de descobrir se Greta Garbo correspondia de qualquer fórma o affecto ardente do seu apaixonado. Greta Garbo, acima de tudo, habituára-se ao dominio quasi brutal e profundamente indifferente de Mauritz Stiller. Não lhe era possivel, portanto, apreciar um espirito delicado, sensivel e humano, acima de tudo, como era o de Jack Gilbert.

Afinal aconteceu o que era de se esperar. Elle se cançou da sua indifferença, Cançou-se dos seus amigos. Tambem do amor todo que tinha posto aos pés daquella creatura. Casou-se com Ina Claire. Disseram, alguns, que Greta Garbo soffreu, muito com esse casamento. Não é verdade. Aço não se parte com facilidade...

* * *

Naquelles tempos, o Studio da M. G. M., tambem tinha um outro artista que era igualmente apodado de "grande amoroso."

# que eu conheço...

Chamava-se Lew Cody. Alguns annos antes tinham-lhe dado o titulo de "homem borboleta" e elle, horrorisado com o mesmo, não mais delle se poude livrar e não conseguiu convencer a ninguem do contrario.

A sua fama fôra já manufacturada e elle, soffrendo muito com isso, tinha que a supportar, custasse o que custasse. Uma pequena, certa vez, de um jornal de collegiaes, quiz entrevistal-o. Lew lhe pediu que chegasse até seu camarim. Ella entrou e poz-se a olhar furtivamente para todos os cantos. "O senhor quer dizer que eu me acho a sós comsigo, Mr. Cody?" Perguntou ella, estendendo um olhar á porta. Lew, admirado, não encontrou resposta. Ella correu para a porta.. "Não! Não se approxime! Eu grito! E' impossivel, bem vê, que eu fique aqui a sós com o senhor e a sua reputação..." Mas ella ficou, apesar de tudo, porque o que ella realmente esperava, não se deu... Acabou se convencendo de que estava mais segura ao lado de Lew Cody do que dentro das paredes respeitaveis do seu collegio... Dahi para diante uma cousa deu-se com Lew Cody, irremediavel. Tomou medo pavoroso a todas as pequenas com cadernos de apontamento e lapis que encontrou e tornou-se temerozissimo de qualquer entrevista imaginavel. Lew sempre se deu mais com creaturas masculinas. Achou a mulher invariavelmente falsa. E por causa disso, na vida particular jamais fez juz á sua Cinematographica fama de "homem borboleta." Norman Kerry sempre foi o seu melhor amigo. Juntos o que elles faziam, em pandegas, não se pode descrever.

Mais tarde, co-**estrellados**, foram Lew Cody e Aileen Pringle. Erro! Elles jamais se deram bem. Talvez porque Aileen tambem falasse e tivesse as suas historias a contar... A victoria da conversa de Aileen Pringle, além disso, tem sido completa e sobre homens como Joseph Hergesheimer, Mencken, Van Vechten, Rupert Hughes e outros. Isto para citar alguns. Já se vê que Lew Cody tinha que se sentir positivamente descollocado...

Gostaria de ter sufficiente habilidade para pôr, em artigo, a verdadeira Aileen Pringle de carreira Cinematographica tão passageira. Ella sempre foi tinta maliciosa de primeira e sempre figura eminente de toda festa á qual compareceu. Se não vencia de prompto, vencia immediatamente depois da primeira conversação. Poderia, se tivesse sufficiente espaço, devotar paginas á **estrella** esplendida que ella foi e á mulher admiravel que é. Mas talvez seja sufficiente um facto.

Sua casa, em Santa Monica, sempre foi o centro literario mais verdadeiramente intelligente de Hollywood. Certa vez chegou á Cidade Carl Van Vechten e Aileen procurou alguma cousa ultra-sensacional para o divertir. A sua imaginação fertil logo concebeu a idéa inesperada de convidar Aimee Semple Mc Pherson para jantar com elles.

Foi o que se deu. Antes da chegada de Mc Pherson, tudo correu mal e nervosamente. Depois que ella chegou, deslumbrou com a sua representação. E o que ella e Aimeé fizeram, aquella noite, basta para justificar a sua fama de mulher admiravel e intelligente.

**Co-estrellaram-na,** como já disse, com Lew Cody. Os Films eram farças e não era esse o genero, positivamente, daquella mulher admiravel.

Ella e Cody não se mantiveram amigos por muito tempo. Elle era muito jovial, muito vulgar, muito pouco malicioso e interessante para conseguir prender por muito tempo a attenção de Aileen. Discutiam e andavam em escaramuças, pelos **sets**, mas, em festas, apparentavam amisade e mesmo delicadeza. No Studio, Aileen fazia o que lhe fosse possivel para aborrecer Lew Cody. Até comer cebolas antes das scenas de amor ella comia e o halito que Lew aspirava, exasperava-o!

Eu os observei trabalhando, varias vezes. Observavam-se. Não se falavam. Mal se olhavam, mesmo. Mas quando as luzes se accendiam e o director dava o signal para o inicio da scena, representavam com muita ternura seus respectivos papeis...

O ente mais querido do **lot M. G. M.**, no emtanto (e não estou sendo sentimen-

**(Termina no fim do numero).**

**Aileen Pringle**

Ruth Selwyn...

A' concurrencia foi então colossal... Paramount contra a Metro-Goldwyn . .

Joan Marsh

Ella
e
fiz
uma
das
elegantes
de
Hollywood...

GENEVIEVE
TOBIN...

Dolores del Rio

cinearte

# Rex Bell

O HOMEM QUE TEM AGORA O CORAÇÃO DE CLARA BOW

# Jeanette Mac Donald...

**DE GILBERTO SOUTO, REPRESENTANTE DE "CINEARTE" EM HOLLYWOOD.**

**Jeanette Mac Donald e Gilberto Souto representante especial de "Cinearte" em Hollywood.**

Sobre a mesa de Mr. Krumgold, o attencioso chefe da publicidade dos studios da Paramount, estava um livro. Li o titulo — "Jeanette Mac Donald", por Maurice Privat.

Era o celebre livro que um escriptor francez publicára sobre Jeanette e onde a sua fantasia juntára mil historias imaginarias e mil coisas absurdas, entre outras que Jeanette tinha morrido, que a sua irmã gemea lhe tomara o logar nos Films... Escandalos, aventuras, casos de amor! Li alguns topicos. Depois voltei-me e suggeri uma entrevista com a encantadora rainha Louise de "Alvorada de Amor"...

Estava tudo combinado. No dia seguinte, Jeanette estaria á minha espera para uma entrevista.

* * *

De noite, sonhei. Um quarto de um luxo Demillesco... Jeanette num **negligee** de rendas e seda... desperta, boceja, estica os braços fatigados pelo somno prolongado, depois cantaria... Edgard Norton, naturalmente, estaria lá para receber-me. Sempre impertigado, com a sua pronuncia irreprehensivel e o seu accento puramente londrino... Cheguei mesmo a pensar num detalhe malicioso, collocado propositalmente na minha entrevista pela mão sabia de Lubitsch, esse allemão prodigioso.

Vi-me vestido numa farda. Peito coberto de medalhas, um sorriso que conquistaria o mundo... sonhei que era Chevalier e, não tenho certeza, mas creio que cheguei a cantar o "Pour faire plaisir a la reine"...

Mas, despertei. O telephone tilintava. A canção que ouvira não vinha de Jeanette... mas sim dos labios grossos de um negro, empregado do hotel... Elle, no seu inglez do sul, soluçava um **blue**, saudoso das fazendas de algodão e dos banhos no Mississippi, espiritual e purificador!

* * *

Eram duas horas, e já me encontrava no hall luxuoso do studio. A porta envidraçada se abre e entra uma figura delicada de mulher. Uma silhueta que lembra os bonecos deliciosos de J. Carlos. Um cão enorme a acompanha — felpudo, mal educado. Fareja as pernas de todos os presentes. Cautelosamente, mudei de logar... Ha cachorros que, ás vezes, esquecem as bôas maneiras. Essa figurinha encantadora pára e fala com um velho alto, nariz adunco, oculos de aros de ouro... que sobraça uma pasta e fala um inglez com pronuncia "garbeana"...

Elle era o compositor Strauss. Ella era Jeanette. Não a reconheci, no primeiro instante, pois uns oculos enormes empunhados a disfarçavam. Sumiu-se o vulto elegante pelo studio a dentro. Minutos depois, Mr. Krumgold vinha buscar-me para a entrevista.

Tenho ouvido dizer que as estrellas costumam faltar a entrevistas — a primeira que fazia em Hollywood começava bem. Jeanette era pontual. Mas difficil era entrevistar Lú Marival no Rio

Os jardins do studio ficaram para trás. Um lago, um repuxo, canteiros floridos, palmeiras de copas verdes em leque...

Um camarim, outro, mais outro — estavamos, finalmente, diante do numero 117 — numa placa li — **Jeanette Mac Donald!**

Era ali. Pensei vêr, immediatamente, Jeanette. Quem me recebeu, entretanto, foi Mr. Ritchie, o noivo da formosa estrella. Fui convidado a sentar e elle offereceu-me um cigarro.

Corri os olhos pelo camarim. Duas salas, grandes, em côres claras, damasco e rosa. Almofadas por todos os cantos, poltronas confortaveis, um piano, coberto por um lindo chale de seda e mil pequeninos objectos de fantasia. Uma parada de "ratinhos" — o celebre Mickey Mouse, dos desenhos animados sobre a caixa do Steinway. Quadros. Chevalier, Lubitsch, scenas de Films, Paul Stein, que a dirigiu em "A Noiva 66", um diploma dado pela mocidade de Paris, onde Miss Mac Donald foi convidada de honra nos jogos sportivos...

Conversamos. Mr. Ritchie é um cavalheiro sympathico. Alto, gentil e attencioso.

"Jeanette não se demora. Pediu-me que o recebesse, emquanto foi vêr as scenas de "One Hour with You", que hontem terminou. Dentro de poucos minutos, estará de volta."

Mostrei-lhe o **Cinearte**, exactamente o numero que havia publicado um artigo sobre a "Resurreição de Jeanette Mac Donald." Recordam-se?

Mr. Ritchie é um "bussiness-man." Fala de negocios, das condições do Brasil; pergunta-me sobre successo de Films, bilheterias de Cinemas e theatros — possibilidades de uma **tournée** para Jeanette. Dou-lhe todas as informações, com uma paciencia de santo.

Mas, elle reconhece. Diz-me, então — "Perdão, Mr. Souto — o Sr. veiu aqui para entrevistar uma estrella e eu é que o estou a entrevistar. Sorri, mas no intimo achei que elle tinha toda razão.

Outro cigarro, em poucos minutos, transformou-se em cinzas...

Um latido amedrontou-me. O tal cão, como uma tempestade, entrou na sala onde estavamos. Pulou para cima de mim! Lambeu-me o rosto, fez-me toda sorte de festas... Sim, essas festas que todos os cachorros **pensam** que os outros apreciam.

Jeanette entrava tambem. Um sorriso encheu de alegria aquelle ambiente enfumaçado.

Apertou-me a mão.

"Ah! **Cinearte!** Prazer, muito prazer em conhecel-o Mr. Souto! A sua revista está sempre em minhas mãos. O studio não se esquece de me dar tudo quanto têm publicado de mim. Este artigo... Que coisa ridicula aquelle livro! Fui a Paris, mas para desmentir publicamente toda aquella sorte de mentiras e atrocidades, do que passear. Soffri muito com as palavras desse escriptor francez. Mas, agora estou contente. Os parisienses festejaram-me, foram de uma gentileza a toda prova. Tive bailes, recepções e casas cheias, durante os espectaculos que dei.

"Veja este livro, disse Mr. Ritchie, são recortes dos jornaes de Paris e Londres!

Um livro pesado. Centenas de paginas. Jeanette, ao saltar do trem, no hotel, rodeada pela multidão — assignando autographos. Entrevistas, artigos, paginas e mais paginas de publicidade. Elogios dos criticos musicaes, detalhes nas columnas de moda e elegancia. Instantaneos no Bois de Boulogne, nas corridas, nas praias. Passeios pelos boulevards, nos clubs, nos cabarets — toda a resenha da vida elegante da cidade-luz em photographias, illuminadas pelo sorriso bonito e encantador da companheira de Chevalier.

"Penso em ir á America do Sul", disse-me ella. Provavelmente, logo que termine outro Film, que começarei em Março. Recebo muitas cartas do Brasil, da Argentina, Chile e Perú. Acho que tenho muitas amisades em todos esses paizes e gostaria de ir. Tenho mesmo projectos seguros de uma **tournée.** Para isso, já estou estudando varias canções typicas de varios paizes.

"Cantará, tambem em portuguez?", perguntei-lhe.

"Sim. Aproveito a opportunidade. Já que está aqui não me poderia ajudar, suggerindo uma canção nacional? Veja que desejo qualquer coisa brasileira, que fale á alma do povo, que toque o coração da gente. Decorarei as palavras, procurarei dar todo o meu sentimento á letra.

"Mas, agradará, tenho certeza. Só a sua presença"...

"Não, sei que, visitando o seu paiz, os meus admiradores ficarão contentes em me vêr. Mas, não os quero causar decepção. Quero dar-lhe qualquer coisa que realmente lhes agrade. Quero retribuir-lhes a gentileza, dando-lhe uma canção, pelo menos, em portuguez". concluiu ella, com um sorriso.

O cão voltou a esfrègar-se em minhas pernas, enchendo-me a roupa de pello; acariciei-o delicadamente. Quando esteve em Londres, uma senhora da alta sociedade presenteou Jeanette com aquelle cachorro immenso. E' um authentico "sheep dog", cão pastor, raça purissima, valendo muitas libras. Sim, mesmo porque na Inglaterra não ha "vira-latas" — cada cão tem o seu **pedigree** de nobreza e qualidade.

"Captain" é o seu nome. No Brasil elle seria **Velludo, Othelo, Pipô** ou **Tiririca** nomes caseiros de cachorros que não lambem o rosto das pessoas que fazem entrevistas...

Mas, voltemos a Jeanette. Ella é realmente bonita. De uma simplicidade que encanta. Quando muita gente a suppõe em **negligées**, em **peignoirs** de rendas e sedas, **saut de lits** sumptuosos, ella sómente os usa em seus Films — onde sempre apparece despertando e cantando uma canção deliciosa, com a sua voz de ouro.

Uma saia marron, uma blusa de couro — a ultima moda para mulheres e homens em Hollywood — um lenço á volta do pescoço, preso por um broche de prata — um chapéosinho minusculo e os seus lindos cabellos de um ouro avermelhado. No dedo, apenas um anel — uma linda pedra verde clara!

E' uma estatura mediana, parecendo nos Films, entretanto, muito mais alta, principalmente em virtude dos vestidos longos que é obrigada a usar.

Falamos de seus Films. Perguntou-me que successo obtivera "Alvorada de Amor." Descrevi-lhe as sessões do Capitolio, durante semanas a fio enchendo-se de publico. Do seu immediato exito. Da fascinação que a sua voz tinha exercido sobre o nosso povo, do encanto que a sua belleza havia despertado em todos os Brasileiros.

"A Noiva 66"...

Foi pena esse Film ter sido mutilado de maneira que o foi. As canções mais lindas, os momentos mais ternos de sua musica foram impiedosamente sacrificados", disse ella.

"Miss Mac Donald, o publico a quer vêr em toilettes deslumbrantes, em ambientes de luxo, tal qual a apreciou em "Alvorada de Amor" e "Monte Carlo"... acrescentei eu.

"Se assim é — o meu proximo Film vae agradar. "One Hour with You" é elegantissimo. Acabei, hontem, as derradeiras scenas. Ha musica lindissima, interiores de luxo, canções, Chevalier e scenas como o publico reclama — **sophisticated**"...

Lembrei-me da primeira filmagem da mesma historia, que Lubitsch tinha feito, ha annos, para Warner Bros. "O Circulo do Matrimonio", desta vez, ainda sobre orientação do mesmo germano intelligente volta ao Cinema, mas agora, com musica, com canções e com Chevalier. Não resta duvida que o Film só terá a ganhar. Artistas que se combinam, admiravelmente. Musicas, naturalmente bonitas, faceis de guardar e um elenco onde, de Jeanette e Chevalier, ha ainda Roland Young, Charles Ruggles...

"Como foi Monte Carlo? perguntou-me ella.

"Muito bem."

Ninguem ainda poude esquecer aquella scena de chôro, quando Buchanan, no papel de barbeiro, irrita Jeanette... Ella chora, despenteia-se, atira-se para um divan e, quando pensa que elle vae voltar para lhe dar caricias... elle se vae...

"Gostei muito desse Film. Não acha que Buchanan e uma personalidade? Elle deveria fazer mais Films." disse Jeanette.

Sendo perguntada se falava correctamente francez, Jeanette respondeu-me:

"Sim, estudei-o em pequena e, hoje, falo-o, não digo com perfeição, mas fluentemente. Filmei "One Hour with You" em francez. Acha que o publico verá essa versão ou assistirá á copia ingleza?

" Não lhe posso responder. Ha Films que o publico brasileiro tem apreciado nas versões francezas, como por exemplo — "O Café do Felisberto", outros como "Alvorada do Amor", com algumas sequencias no idioma de Moliere. Não sei emtretanto qual das versões — os Brasileiros irão ver de "Uma Hora Contigo."

Mr. Ritchie nos interrompe, minutos depois.

"Mr. Souto, acha o senhor que o publico brasileiro se sentirá offendido, caso Miss Mac Donald lhes dirija a palavra em hespanhol? Ella está estudando essa lingua para a tournée.

"Não, absolutamente. Os Brasileiros saberão perfeitamente comprehender que Miss Mac Donald não irá aprender portuguez, expressamente para falar aos meus patricios. Tanto mais que a sua tournée abrangendo varios paizes da America do Sul, a ella se offerece maior propabilidade de falar em hespanhol do que em portuguez, idioma na America do Sul apenas falado no Brasil."

"Quero, entretanto, cantar qualquer coisa em portuguez, disse Jeanette.

"O Sr. terá a bondade de suggerir alguma musica — estudal-a-ei, aprenderei as palavras e, até lá, poderei ainda saber algumas phrases para dizer ao seu publico.

Neste momento, o entrevistado passou a ser eu, mais uma vez. Perguntas sobre a melhor epoca, de viagem, casas para um possivel contracto, theatro, hoteis, tempo de viagem por mar, passeios, logares a visitar. Eram centenas de perguntas e, hoje, Jeanette já não estranhará quando ouvir falar na belleza de Copacabana, Petropolis e sua estrada magnifica, Paineiras, Corcovado, o monumento de Christo, a Guanabara deslumbrante... de tudo falei por mais de meia hora.

"Não sente saudades do palco?" perguntei-lhe, a seguir.

"Muito. Sabe, nós que viemos da ribalta, que estavamos acostumados ao calôr dos applausos, ás palmas — sentimos faltas das audiencias. No Cinema levamos a vantagem de ficarmos populares em muitos paizes ao mesmo tempo — distancias longiquas, raças e civilisações differentes nos conhecem. Para mim, que canto, essa vantagem é grande. Quando trabalhar para essas platéas — já sou um nome conhecido e o publico irá aos meus espectaculos.

Creio que voltarei ao palco. Aqui, ou na Europa, talvez. Tudo depende dos Films que terei ainda de fazer. Não quero abandonar o Cinema, os studios, nem fugir das cameras — agora gosto da minha nova carreira. A principio senti muita differença. Felizmente, encontrei em Lubitsch um mestre, um homem extraordinario que sabia comprehender tambem, com delicadeza e attenções. A elle devo meu successo!"

Eu tinha pedido uma entrevista e já uma longa hora se tinha exgotado, quando fomos tirar os retratos que illustram estas linhas. Uma entrevista que ficou para ser continu[ada] quando cumprir a promessa le levar a Miss Mac Donal[d] musicas brasileiras...

* * *

A' porta do seu camarim parámos. **Captain** voltou a [fa]zer das suas. Não socegava um instante... avançou par[a o] pobre photographo e quasi derrubou a machina; corria [pelo] gramma do jardim como féra solta... e, parecendo gosta[r de] mim, fez-me de novo festas. Tirou-me o **Cinearte** das mã[os,] tentei recuperal-o e quando o tive, de novo, para a segu[nda] photographia, a capa estava rasgada. Jeanette, porém, c[ollo]cando a mão aberta sobre ella, conseguiu evitar que o "[de]sastre" do seu **mimoso** e **interessante** cãosinho se pude[sse] notar...

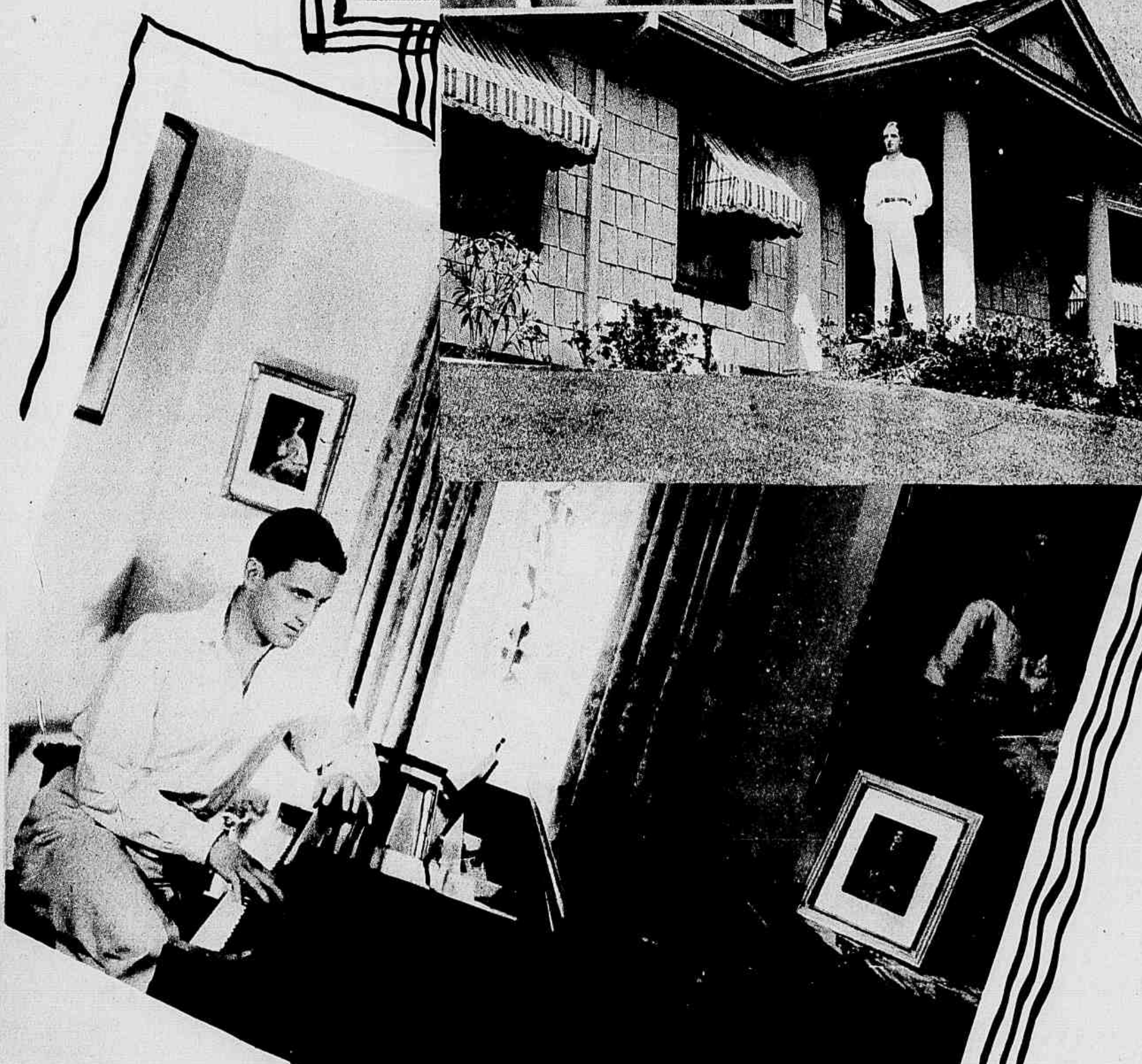
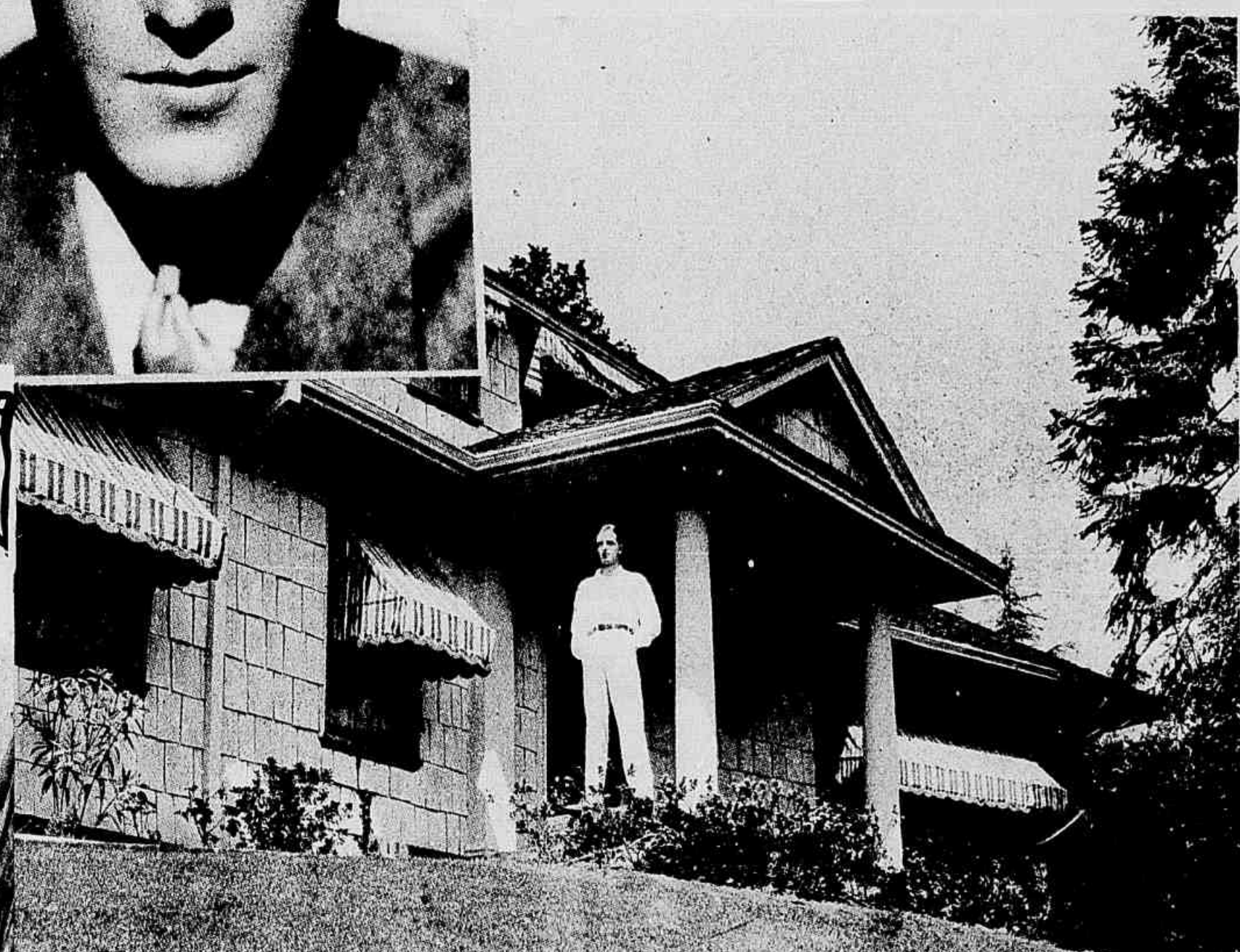
E pensando nesses **animasinhos** de estima das est[rel]las e dos astros do Cinema é que, no dia em que entrevis[tar] Tom Mix, evitarei o mais possivel que elle me apresente seu cavallo Tony!...

**Gilberto Souto**

**Hollywood, Janeiro 1932**

# e um cachorro para atrapalhar...

O seu proximo grande film será "An American Tragedy"

Phillips Holmes...

Repararam como o seu traje em "O Seu Homem" foi a fantasia da moda deste ultimo carnaval? O cinema não diverte apenas...

*O passaro da noite em conferencia com o seu amigo, aquelle que annuncia o Astro-Rei aos madrugadores do terreiro*
*(De um Film educativo da Ufa)*

# Cinema Educativo

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

## O FILM E O ENSINO

O uso do Film Cinematographico como meio didactico, tendo-se em vista completar e, ás vezes, substituir a palavra do mestre assim como o livro do texto, responde plenamente á necessidade, cada vez maior, da extrema diffusão de uma cultura, com o menor esforço possivel da parte dos alumnos e mesmo conquistando-lhe o apreço.

Ao correr dos seculos, as investigações de novas formas de ensino, tendendo a diminuir o esforço cerebral das creanças tem sido o cuidado mais importante da parte dos pedagogos, especialmentes os italianos.

Seja bastante fazer relembrar Pietro da Ravenna que, em 1491, organizava o ensino figurado para melhor mostrar e fazer com que as creanças comprehendessem o valor das vogaes e das palavras. João Baptista Porta que, no inicio do seculo XVII, descobriu novos systemas phoneticos e visuaes, para as creanças das primeiras classes elementares; e, nos nossos dias, Maria Montessori que, graças ao seu admiravel methodo, desenvolveu admiravelmente a memoria pelos sentidos (1).

O esforço dos educadores para conquistarem methodos didacticos cada vez mais simples, fez com que as escolas acceitassem os grandes "placards", os quadros muraes, as cartas iconographicas, e, no seculo passado, a lanterna magica; estava porém reservada ao Cinematographo a realização desse grande milagre que é instruir divertindo, e suscitar nas creanças um interesse extraordinario, absolutamente novo, para os problemas da cultura e da sciencia.

Isso explica-se facilmente. Pensemos, por exemplo, no ensino da historia natural por meio do Cinematographo. Os livros dessa sciencia permanecem abstractos e difficeis para as creanças; eis presente, porém, o prodigio do Cinematographo que torna as creanças outros tantos enthusiastas dos segredos da natureza.

O Cinematographo, em alguns minutos, offerece aos olhos espantados das creanças a metamorphose completa da larva em borboleta, torna visivel á vista a vida que se encerra dentro de uma pequenina folha de côr verde, mostra o crescimento lento de uma planta, desde a germinação da semente até o desabrochar da flor.

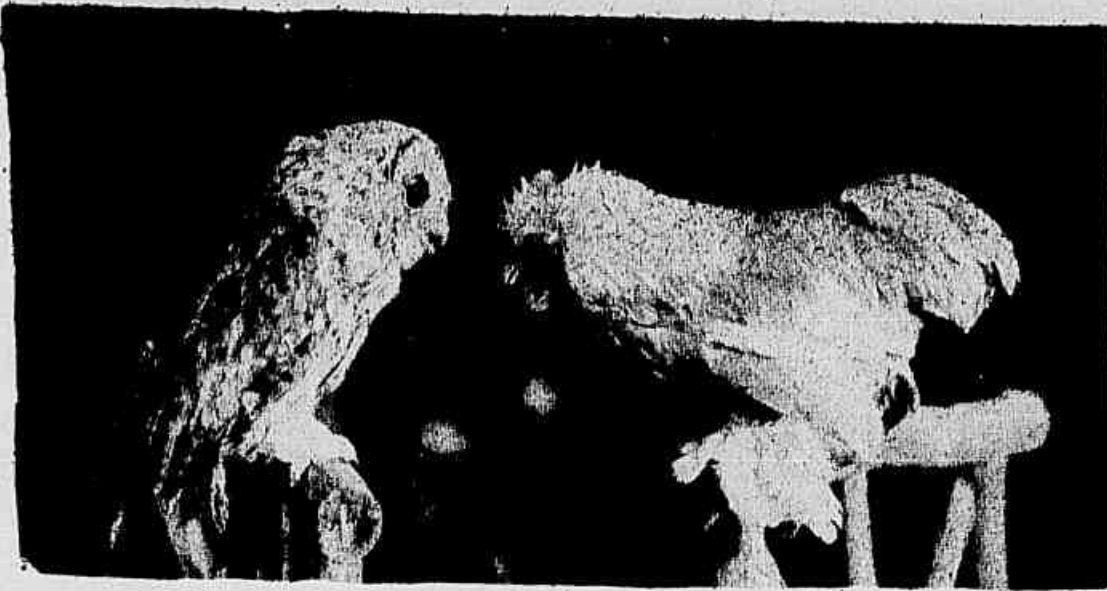
E o mesmo poderiamos dizer, no que respeita á vida dos animaes.

A importancia do Film didactico não escapou ás differentes nações, em particular durante estes ultimos annos, de modo que, de toda parte, têm surgido iniciativas tendendo a encorajar a sua diffusão.

Farei uma breve allusão ao que se tem feito, junto a certos governos, no dominio dessa nova fórma para a vulgarização do ensino.

Na Belgica, creou-se em 1926 uma associação, *"Os amigos do Cinema Educativo e Instructivo"*, em vista de se fundar uma grande Cinematheca de ensino e vulgarização.

Na França, sob a iniciativa do governo, o *"Museu Pedagogico de Paris"* constituiu uma Cinematheca Educativa, cujos Films são distribuidos gratuitamente ás instituições que lhe façam o competente requerimento. Além disso, a *"Cooperativa do Ensino pela Cinematographia"* de Paris, usando carros especiaes dotados de apparelhos, leva ás escolas mais distantes os melhores Films didacticos.

Na Allemanha existem associações especiaes, reunidas em federações, em vista da utilização do Cinematographo para fins escolares.

O Film didactico tem alcançado igualmente um grande desenvolvimento na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde certos officios governamentaes cedem gratuitamente os Films que têm caracter escolar e educativo.

Na Suecia, a projecção Cinematographica tem se tornado um meio normal para a execução de programmas escolares: ha professores que possuem diploma de operadores Cinematographicos, e uma sociedade especial distribue os Films culturaes.

E por fim, são bem conhecidos os progressos realizados na Italia pelo Cinematographo Educativo e didactico, onde Roma é a digna séde do "Instituto Internacional do Cinema Educativo". A alta intelligencia do Primeiro Ministro se manifestou igualmente nesse dominio. Desde 1924 que esse chefe de estado, Benito Mussolini, comprehendendo todas as possibilidades do Cinema como instrumento de sã educação, de elevação social e intellectual do povo, creou a "Luce", associação que devia attingir, no espaço de pouco annos, um desenvolvimento notavel, sem agravar em nada o orçamento do Estado.

O "hon. Fedele", então Ministro da Instrucção Publica, estudou as realizações praticas da grande iniciativa no dominio escolar, organizando dezenove Cinemathecas, uma para cada região da Italia, confiando-as aos Censores do Reino.

Cada Cinematheca possue uma rica collecção de Films fornecidos pela "Luce", e severamente escolhidos por uma commissão especial, composta de eminentes membros das organizações pedagogicas. A distribuição dos Films para as diversas escolas é gratuita. Além disso, o hon. Fedele, sempre com o auxilio dos Films fornecidos pela "Luce", instituiu as trinta primeiras Cinemathecas provinciaes de propaganda hygienica; Cinemathecas o exministro da Instrucção Publica, o hon. Bolluzzo, promotor igualmente enthusiasta do Cinema Educativo, augmentou notavelmente com innumeros e novos Films.

A experiencia emprehendida pelo Estado encontrou os seus complementos naturaes nas iniciativas de diversos organismos, tal como naquellas que foram tomadas por simples particulares.

Não é exaggero affirmar que uma notavel emulação, neste ramo do Ensino, vem dominando toda a Italia, afim de dotar todas as suas escolas de apparelhos de projecção Cinematographicos, acompanhados de uma dotação valiosa de Films.

Poderia citar alguns algarismos a respeito das escolas elementares, extrahidas de uma estatistica organizada pelo hon. Belluzzo, a qual certamente não é ainda completa.

No Piemonte existem 431 apparelhos que pertencem a escolas elementares ou patronatos escolares, 3419 na Venecia, 342 na Toscania, 174 na Emilia, 150 no Lacio, 113 na Sicilia, 107 na Lombardia, 55 na Pullia, 52 nos abruzzos, 30 na Sardenha, 34 na Calabria, 19 na Umbria, 17 na Venecia-Juliana, 6 no Trentino.

Faltam dados certos para a Liguria, a Campania, e outras provincias.

Permittam-me, porém, repetir aqui que se tem feito bastante nos diversos Estados, malgrado as enormes difficuldades, tendo-se em vista a utilização do Cinema para fins didacticos; mas que se está ainda bem longe do fim para o qual tendem os esforços dos educadores. E' indispensavel, antes de mais nada, aperfeiçoar o Film didactico. Tem-se muitas vezes confundido o Film pedagogico, isto é, o verdadeiro e proprio Film educativo, com o Film documentario, ou de cultura geral.

Os Films documentarios, reunidos com gosto, com verdadeiro senso artistico, com amor e conhecimento technico, têm certamente realizado grandes serviços, fazendo apparecer o interesse das creanças pelas projecções, e mostrando a importancia da projecção animada; faltam, porém, a esses Films as qualidades didacticas e scientificas que se desejam.

A esse respeito, é bom relembrar os criterios estabelecidos, durante o anno de 1929, pela commissão especial technica, constituida junto á "Luce", e composta do hon. professor Fedele, do senador Corrado Ricci, do professor Raffaele, do professor Galassi Paluzzi, do professor dr. De Feo, do professor Trabalza, do professor Pabireni, e do abaixo-assignado.

Os Films educativos, conforme o aviso dessa commissão, devem dar conhecimentos exactos com a mesma ordem logica dentro do qual se desenvolvem os programmas para as diversas classes. E' inutil mostrar ás creanças aquillo que ellas não se acham ainda em estado de comprehender exactamente, e de reter na memoria de um modo adequado aos conhecimentos que já possuem. Sómente assim será possivel dar vida a uma nova fórma de Pedagogia Cinematographica, a um novo methodo de Ensino. Deve-se illustrar, passo a passo com uma projecção Cinematographica precisa, aquillo que deve fazer parte da lição do mestre, encontrando um commentario adequado e preciso no livro do texto. E' preciso despertar, atravez do pendor e do interesse pela projecção animada, a percepção que dá vida á assimilação escolar. E á observação da creança deve corresponder a palavra do professor e mestre.

O problema da distribuição dos apparelhos Cinematographicos pelas escolas deverá forçosamente servir de objecto para um estudo especial, da parte dos governos, e das associações especializadas.

Eis porque a acção do "Instituto Internacional do Cinema Educativo", no dominio do Film didactico, se revela necessaria e preciosa. Todas as nações e todas as escolas do mundo deveriam collaborar com o Instituto, com um enthusiasmo fervoroso.

A efficacia, e mesmo a necessidade do Cinematographo, sendo hoje um facto reconhecido por todos, é preciso que o problema seja abordado e resolvido em toda a sua amplidão, e em toda a sua importancia. Procurámos discutir os diversos aspectos e as differentes possibilidades, expondo as experiencias effectuadas, assim como os seus resultados, os systhemas technicos de projecção e conservação dos

*(Termina no fim do numero).*

(1) N. R. — O autor quer dizer aqui que a investigadora melhorou a memoria dos alumnos, fazendo-os guardar melhor o resultado dos ensinos, com a applicação, mais estudada, dos seus sentidos visuaes.

( C o n t i n u a ç ã o )

— A matula do Hardy deu-me uma caça. Ve-
o que ha lá em baixo.
Mais ainda se allegraram os rapazes com a no-
Sahiram. O quarto era vulgar. Elle encami-
-se para a parede e apertou um pequeno botão.
s, no emtanto, disse:
— Vou lhe mostrar um segredo...
Abriu-se na parede uma portinhola escondida e
eceu a entrada de um pequeno elevador parti-
.
Jan ergueu-se. A fascinação daquelle homem
em do limite, para ella.
— E agora onde vamos ?
Perguntou ella. Ace sorriu e a Jan pareceu um
so até infantil.
— Quer ter uma opportunidade ? Este é o meu
dor particular. Suba um minuto, que seja. Ao
s para ganhar de novo o folego...
Jan gostou da aventura. O elevador subiu.
Lá em cima, illuminou-se uma sala de jogo
ne e vasia. Mesas para roletas, para jogos de
de todas as especies.
— Felizmente estamos salvos !
Disse-lhe Ace.
— Meu Deus ! Isto é Monte Carlo !
Pilheriou ella, sempre mais e mais admirada.
— Vou reabrir nessas duas semanas. Esteve
ido emquanto eu estive... ausente !
As salas de jogos deram para Ace um novo in-
se de Jan. Aquillo tudo tinha certo que de ro-
e que ella não podia fugir de sentir. Sombras
s doze homens moveram-se nas mal disfarça-
revas. Jan gritou.
— Não ha nada. São amigos meus. Vocês vi-
Miss Ashe no julgamento hoje cedo, não foi ?
Todos disseram que sim e saudaram-na. De-
lle se voltou para um dos homens e lhe disse:
— Miss Ashe quer saber porque o pessoal Har-
iz me pegar ainda a pouco. — Conte-lhe...
Slouch deu dois passos á frente.
— Era gente canalha, Miss... O chefe é bam-
elles acharam que podiam com elle... Experi-
aram a virada e agora, depois de não aguenta-
a mão, puzeram as machinas de escrever e os
phones a falar...
Jan ficou sem comprehender cousa alguma.
ou-se interrogativa para Ace. Elle, divertindo-
m aquillo, explicou.
— O homem que me accusaram de ter assassi-
, era um meu auxiliar. O seu serviço era traba-
com concurrentes meus e conseguir informes.
y descobriu isso. Matou-o e quiz passar a culpa
mim. Seu pae arranjou as cousas e elle perdeu.
a a pouco elle resolveu por em pratica metho-
dos mais decisivos e... falhou mais uma vez... Machinas de escrever e saxophones são metralhadoras e fuzis...

— Mas você sabia disso no julgamento ?

Perguntou ella, admirada.

— Nossos aborrecimentos e nossas preoccupações, não contamos a jurys !

— Respondeu Ace, firme, pondo-a mais admirada ainda.

——oOo——

Um criado chinez approximou-se. Saudou alegre o patrão. Em seguida perguntou-lhe se tomava alguma cousa. Quando viu Jan, perguntou se ella tambem queria. Ace disse-lhe que sim. O chinez retirou-se. Ace voltou-se para a escada que conduzia ao andar de cima. Ninguem a notaria se não soubesse da sua existencia, ali. Jan seguiu-o.

Era um appartamento admiravel que lá em cima Ace Wilfong installara. Jan deslumbrou-se ! O conforto, o luxo e o feitio moderno de tudo que ali havia deslumbraram-na. A impressão que seus olhos colhiam, trahia-se no seu semblante maravilhado.

— Admiravel !

Exclamou ella, afinal.

— Pois eu lhe garanto que tive a impressão de não mais ver nada disto aqui...

Accrescentou Ace.

— Mas... onde estamos ?

— Bem em cima do mundo !

Chegou-se mais a ella.

— E ninguem vem ou sahe sem que eu queira...

A approximação de Ace, o coração de Jan vibrou, descompassado. Era a mesma extranha sensação que ella sentira pela manhã, quando vira Ace Wilfong pela primeira vez.

— Eu tambem ?...

Perguntou ella em voz calma, para disfarçar.

— Você tambem... Assusta-se ?

— Qual ! Adoro a aventura ! E esta, garanto-lhe, é differente de todas quantas já passei em minha vida... Você, além disso, é uma especie de homem que eu ainda não conhecia e tudo isto é profundamente original...

— E eu, quando a conhecer melhor, poderei então dizer-lhe o que penso exactamente de si...

A voz de Ace vinha pesada e sensual aos ouvidos de Jan.

— Pois olhe que um dia já bastou para descobrir-se muita cousa...

No tom da voz della havia qualquer cousa provocante. Elle parou. Ella significava declaradamente o que dizia. Elle se chegou mais.

— Conheço seus segredos...

Disse Jan e sorriu para elle com a luz dos seus olhos admiraveis.

— Ha um que você não conhece...

Elle disse, em resposta, calmo e seguro do que dizia.

— E eu gosto de segredos... contados !

Já tinha Jan segurança do que fazia e seus olhos não largavam o semblante daquelle homem.

— Hontem você andava mais distante de mim do que as estrellas. Hoje... tenho-a a dois passos !

Jan deu á physionomia, depois dessa phrase delle, um feitio tal que seus labios tomaram uma attitude ainda mais provocante.

— E ao lado de um homem incommum, accrescente...

Disse ella, murmurando, apenas.

As mãos delle tocaram os hombros della. Depois escorregaram pelo seu corpo. Apertaram-na fortemente ao encontro delle. Força alguma do mundo tel-a-ia feito resisttir, naquelle instante... Era, afinal, a manifestação da subita e mutua admiração que aquelle dia criára nelles. O primeiro beijo delle provocou um ligeiro protesto seu. Mas o segundo e os que se seguiram, cada qual mais quente e impetuoso, não tiveram, della, sinão acquiescencia tacita e apaixonada, tambem...

——oOo——

A vez seguinte que Jan se encontrou com Dwight, foi em casa de sua avó. Num relance elle notou que ella qualquer mudança tinha soffrido.

— Jan. Você parece estar me illudindo. Sinceramente, não gosto disso.

— Meninão desconfiado... O que é que o faz pensar dessa fórma ?

— Não sei. O seu modo. A sua voz. O seu modo de falar. Alguem diria que você... bem... deixemos disso !

— Ora, Dwight, que tolice ! Não ha nada com você, garanto-lhe. Eu lhe estimo muito, Dwight !

— Nesse caso, Jan, o que se passa comtigo ?

Jan brincava nervosa com um cigarro.

— Você gosta de respostas, não é ?...

— O facto é que temos um certo accôrdo entre nós e que...

— Pois é justamente disso que me estou afastando, Dwight. Não gosto de accôrdos certos Minha alma é livre e não tolera accôrdos.

No rosto delle, Jan leu, com sangue frio, uma expressão de seriedade e magua.

— Isto é sincero, Dwight e desculpe-me se estou sendo excessivamente sincera.

— Qual !...

Disse elle forçando um sorriso.

— A vida sempre é um accôrdo depois do outro, Jan...

— E não concorda você commigo que é justamente isso que torna a vida insipida como é ?

— Mas não me diga que você procurou alguma cousa *nova* para se distrahir de toda essa vulgaridade !...

— Dwight, se isso é chamar-se precoce, eu direi...

— Mas não ! Você é plenamente consciente do que faz, eu bem sei. Você sem-

# UMA ALMA

5.° CAPITULO

pre foi admiravel, Jan e eu nunca deixei de affirmar as suas virtudes. Além disso, quero-a mais loucamente do que nunca ! Voce é que tem feito de mim um quasi idiota e isso, digo-lhe sinceramente, desde o anniversario de sua avó. Por que ? Não tenho o direito de saber ?

O temperamento Ashe, nella, começava a vibrar com aquelle interrogatorio todo. Mas ella se conteve.

— Não me quero casar, Dwight.

Respondeu ella, firmemente.

— Não quero que a vida, ao redor de mim, se torne tão vulgar assim. Do casamento não quero provar siquer uma nesguinha, entende-me ?

Dwight conservou-se pensativo por alguns momentos. Depois voltou-se para ella e perguntou.

— O que diz seu pae a isso ?

— Elle lida com o que é delle. Elle pensa que cada um deve cuidar dos seus proprios interesses. Sua filha. Elle. Qualquer pessoa ! Foi assim que elle me criou. Elle crê piamente no que faz e é essa a sua religião. Foi assim que élle me ensinou.

Dwight, delicado, ainda disse.

— Querida, sinceramente eu não acho essa uma maneira boa de agir...

— E como sabe você que não é ? Os homens fazem o que entendem e dão-se ás maravilhas. Não conheço mulher alguma que tenha a sufficiente coragem de fazer o que pensa sem, antes, pensar no que lhe possa depois acontecer. As mulheres são normalmente covardes. Eu, pela parte que me toca, ligo pouquissimo ao que os outros pensem ou deixem de pensar. Eu não quero me casar, porque o casamento é o fim. E' ter um lar, ser respeitavel e ser respeitavel e ter um lar, apenas. Nada mais !

Dwight não se conteve mais.

— Quero-a, Jan, porque eu a amo ! O que pensa disso ?

Jan abrandou. Acariciou o rosto de Dwight, ligeiramente.

— Aprecio o seu affecto, Dwight. Não quero maguar ninguem. O que quero, apenas, é viver a minha vida independente, eis tudo. Se casar não é excitante, não devo casar, porque eu quero excitamento, situações novas.

— E, se nos casassemos, não teriamos essa mesa liberdade e essé mesmo excitamento?
Jan fez pausa e pensou, antes de responder. A resposta trouxe uma resposta negativa completa.
— Acho que não. Mas não tenho culpa disso, be, Dwight? E' o meu temperamento.
— Qual o que...
— Dwight, eu tenho querido amal-o. O certo que eu o amo. Sempre o amei.
Disse-lhe Jan com convicção. Elle tomou as ãos della nas suas. Depois lhe disse.
— Sei. Comprehendo-a. Ha mais alguem, não ?
As faces della tingiram-se violentamente.
— Acho que não...
— Alguem que seu pae approve, não é?
Dwight não conseguiu tirar da voz o azedume e ella naturalmente trazia, falando isso. A reção de Jan para essa pergunta foi rapida e violen-
— Por meu pae eu farei tudo com muito orgulho!
— Eu sei, Jan.
— Mas o facto é que elle é, para mim, mais do a propria vida! E' por isso mesmo, meu amigo, eu não posso supportar a familia Ashe e suas hyprizias. Elles, aqui, chamam-no de fraco. Elle o é. Beber é vicio, não é fraqueza.
— Mas eu nada disse a esse respeito, disse? sse, apenas, o que penso que elle a faça pensar.
— Erra mais uma vez, Dwight! O que elle diz, pensa por ti mesma!". Elle gostaria naturalmente me ver casada comsigo. Mas não o diz e jamais o dirá. O que elle diz é apenas isto: — "Não das circumstancias. Não se esconda. Faça seus seus proprios peccados. Aprenda, delles, o que elsempre ensinam!".
Dwight, depois daquillo, permaneceu alguns antes silencioso. Depois lhe disse, vencido.
— Eu comprehendo, Jan...
Jan apiedou se delle.
— Creia que sinto, Dwight. Sinto e muito!
— Sei que sente, Jan. Mas eu é que preciso fazer alguma cousa em pról do meu caso. A perspectiva a perder, confesso, não me á absolutamente lisongeira...

**IVRE**

Ella quiz achegal-o a si. Beijal-o, talvez. Conteve-se.
— Mas o que posso fazer, Dwight?
Perguntou ella, brandamente.
Elle lhe acariciou as mãos.
— Mas eu vou fazer, sim... Creia que vou!
— Você é tão constante, Dwight...
Separaram-se. Ella tinha certeza que gostadaquelle homem. Mas não sentia que elle a empasse o sufficiente para o amar com razões para um casamento.

——oOo——

As relações de amisade de Jan para com seu mantinham-se immutaveis. Ella não podia ginar um instante siquer sem o ter como companheiro, amigo, conselheiro, tudo, em summa. a dia que se passava, Jan queria mais ao pae. uma especie de idolatria, mas muito mais do isso, talvez.
Eram amigos de tal forma, que Jan dava preferencia a elle, para companheiro de uma festa, do dezenas de rapazes que apparecessem solicitando-a. Quando ella o preferia aos rapazes, elle mamente orgulhava-se com aquella attitude filha e sentia-se mais feliz do que nunca.
Uma noite, pouco depois das 24 horas, Jan ou seu carro proximo á entrada do Hotel mmartine. Em pernas pouco firmes, o pae salde dentro delle e disse á filha.
— Miss Ashe... Diverti-me um pedaço!
Tinham vindo da festa que Marty Jones offera por ter ganho mais um milhão no mercado titulos.
— Eu sei que você se divertiu, senhor meu .. Mas agora vae é direitinho para a cama, nde?
Elle, ouvindo isso, desgostou-se. Tinha outros planos.
— Ora menina... Você vá é para casa que vó é capaz de ainda a estar esperando sem deitar... Vá, que daqui ha quinze minutos telephono para ver se chegou bem.

— Eu não vou para a casa de vóvó hoje. Não quero dormir lá... Além disso, os jornaes, hoje, diziam que amanhã cedo vae chover...
Elle manteve a sua attitude séria e depois perguntou.
— Não?
— Não!
Respondeu ella, firmemente.
— Tenho minhas idéas...
— Mas quando e... para que?
Ella se chegou bem perto do ouvido delle e disse.
— Não é da sua conta, entende?
— E nesse caso, se você não vae para casa e tem seus negocios, como ousa você mandar que eu vá direito para a cama? Como ousa?...
Mac, que andava pelas redondezas aguardando o regresso de Ashe, approximou-se e passou-lhe o braço.
— Bravos! Ahi está o seu "anjo da guarda"... Escute, Mac! Para a cama com elle, entende?...
E atirando um beijo ao pae que acabou sorrindo, partiu no carro que a esperava.
Quando o pae voltou a si da rapida sahida da filha, Mac lhe disse.
— Ace Wilfong tem estado a telephonar. Elle o quer ver.
— Ace?...
Pensou alguns momentos. Os vapores do alcool não o deixavam raciocinar muito direito.
— Mas que diabo quererá o maluco de mim, outra vez? Ter-se-ia mettido em novas complicações?
— E Dunno o quer ver tambem.
— Sim? Santo Deus, quanta gente... E você? Arranjou os ovos que lhe recommendei?
— Arranjei. Uma cesta delles.
Ashe bateu nas costas de Mac, satisfeito.
— Quebre um delles e vamos ver o que devemos fazer em relação ao pedido de Ace...
— Mas esse negocio de ir "direito para a cama" não está mais em vigor, chefe?...
Perguntou Mac, ancioso.
— Ora Mac! Quando Jan e eu nos dizemos o que temos que fazer, estamos brincando, com toda certeza...

Mac desanimou. Visitar Ace Wilfong e quebrar ovos, para a mania do chefe, quando elle estava embriagado, era cousa insupportavel mas... sem remedio...

——oOo——

Em menos de duas semanas Ace Wilfong reorganizou a sua casa de jogo. Naquella noite a enchente era formidavel. Tudo alí estava em ordem e a jogatina era sem limites. Havia portas que davam para os appartamentos privados de Ace, já sabemos e outras que conduziam a salas para jogatinas mais fortes e a sós, quando os freguezes queriam e, ainda outras, para assumptos mais sérios ainda...
Quando Stephen Ashe subiu as escadas, ficou alguns momentos como que cégo com a rutilancia e o aspecto de toda sala.
— Bravos! Ha quanto tempo isto tem estado assim?
Um dos homens de Ace approximou-se e lhe apresentou outro que vinha em sua companhia.
— Este é Mr. Harrington.
Era o homem de immediata confiança de Ace Wilfong.
— Mr. Ashe, temos estado á sua espera. E' uma grande honra para nós a sua visita.
A sua voz era sincera. Ashe sorriu e lhe disse.
— Tudo está esplendidamente installado, sabe?
— Pois foi o senhor que nos deu tudo isto de volta, Mr. Ashe!
Accrescentou Harrington em voz delicada e sincera, sempre.
— Ace já desce.
— Ora, não incommode Wilfong por minha causa. Ha tempo! Ha alguma cousa que se beba, por ahi?
— Mr. Ashe, convença-se de que não ha nada que queira e que de nós não tenhamos. Nada!
Aos olhos de Ashe, avidos, revelou-se em pouco a perspectiva de um perfeito bar. Elle esfregou as mãos, satisfeito. Caminhou para o bar. A convite de Harrington, pediu logo a sua bebida predilecta e Harrigton lhe fez companhia.

*(Continúa no proximo numero).*

# O Svengali de Marlene...

Encontrei Marlene Dietrich numa festa. Ella era a creatura ali mais alegre e feliz. Ria-se á vontade. Conversava. Trocava opiniões e mais opiniões.

Depois houve uma mudança brusca e rapida. Ella se tornou seria. Apprehensiva. Seus olhos encheram-se de nevoa. Mudou. Notei essa mudança. Procurei a causa ao redor della.

A' porta estava Josef Von Sternberg que acabava de chegar.

Este incidente tem certo mysterio e seus protagonistas vivem alguma estranha historia, com certeza. A relação de amisade que havia entre Greta Garbo e Mauritz Stiller, em tempos, foi chamada de fascinação hypnotica de Trilby por Svengali. Mas não é exacto isso. Greta Garbo amava Mauritz Stiller e Trilby absolutamente não amava Svengali. A verdadeira Trilby, quasi exactamente a Trilby de Du Maurier, é Marlene Dietrich e seu Svengali, Josef Von Sternberg.

Ha, agora, um novo capitulo á acrescentar á historia. Refere-se, elle, á luta que Marlene vem sustentando para livrar-se da influencia de Von Sternberg. Tambem o auxillio dos amigos de Marlene para livrarem-na desse hypnotico dominio.

Como Trilby, ella não ama o seu Svengali. Quando seus amigos lhe dizem: — "Se elle continuar dirigindo seus Films, você continuará sempre nos mesmos papeis. Iguaes serão seus maneirismos. Iguaes os seus papeis." Mas ella a todos responde. "Não. Não é isso verdade. Elle é o maior genio do Cinema."

Profissionalmente falando, elle a dominou. Pessoalmente, no emtanto, não.

Ha bem pouco tempo, no emtanto, uma cousa estranha aconteceu. Marlene entrou sósinha no restaurante do Studio Paramount. Desde que se achava em Hollywood, jamais tinha ali apparecido só. A sua sombra, o exquisito Von Sternberg, não estava ao seu lado. Hollywood, quando viu isso, não acreditou. Era impossivel! Trilby sem o seu sombrio Svengali?...

Dez dias não foram vistos juntos. E esses dez dias talvez sejam a mudança radical do temperamento de uma mulher...

Durante esse periodo, um jovem artista allemão confortou-a. Maurice Chevalier tambem muito lhe valeu. Com elle ella foi vista no Cocoanut Grove. E ella ria-se muito, o que jamais fazia quando se achava na presença ou na companhia de Von Sternberg. Via-se, afinal, que ella deixava de ser o automato de Von Sternberg para apparecer a creatura cheia de vida que ella realmente é. Um photographo da Paramount tirou varias posses della em companhia de Chevalier. Mas de repente as photographias foram pedidas de volta, inutilizadas e destruidos os negativos. Uma pose foi no emtanto publicada.

Durante dez dias Marlene Dietrich viu-se livre do seu Svengali.

Antes de podermos comprehender a mais estranha das amisades de Hollywood, é preciso comprehender, antes de mais nada, os dois principaes protagonistas desse drama: — Marlene e Von Sternberg.

Von Sternberg é o mais importante, porque Marlene, a Marlene que têm visto em Films, nada mais é do que uma expressão da imaginação delle. Clive Brook contou-me, certa vez, ha tempos, que uma occasião, em Londres, elle se encontrára com um homem interessante em artes e sciencias que lhe disse: — "A melhor maneira de se alcançar o successo, é tornarmonos odiados. Quero ver se consigo pôr-me diante da attenção de gente importante e, depois, fazel-os lembrarem-se de mim pela impressão de odio que lhes deixarei nos corações contra mim." Esse homem era Josef Von Sternberg, que elle conheceu em Londres, quando o austriaco hoje celebre nada mais era do que um illustre desconhecido. E elle venceu, realmente. Quando elle estava começando no seu officio, dentro do qual hoje é um victorioso aclamadissimo, encontrou elle um director de nomeada, na industria, que interessando-se por elle, disse-lhe: — "Acho que você é capaz de dirigir. Em tres mezes eu lhe ensinarei isso, quer?" A resposta não se fez esperar, brutal e odiosa como quasi tudo quanto responde e faz o homemzinho genial. "Pois eu acho que a mim muito mais tempo levaria para lhe ensinar esse mesmo officio..."

Certa vez deram a Von Sternberg um emprego na M. G. M. O seu primeiro Film foi posto sob a supervisão de um homem que não o tolerava. O que dahi resultou foi uma tremenda "bagunça." Nessa epoca Von Sternberg achava-se na imminencia de dirigir Mae Murray. Quando viu, no emtanto, o resultado do seu primeiro Film, depois de mutilado e prejudicado pelo supervisionador, poz-se dali para fóra, incontinenti e não sem fazer uma serie de desafôros a quantos foi possivel encontrar para insultar.

Contam-se delle ainda duas cousas. Que costumava, á tarde, pôr-se diante de sua casa, nas montanhas e gritar para baixo, onde fervilhava a Hollywood dos seus sonhos: — "Minha Hollywood!!!" E, tambem, que elle, na sua casa, poucas visitas recebia e, quando isso se dava, presentia pelo rumor dos autos que subiam em direcção á sua casa. Então corria ao seu escriptorio, tomava poses estudadas, apanhava o livro mais erudito da sua estante e pondo-o de geito a mostrar bem o titulo, fingia-se muito attento até que os que vinham chegassem até elle...

Ainda podia relembrar muitas outras cousas a respeito desse homem que é meio maluco, meio maniaco e quasi genial. Mas isto é o sufficiente.

As suas personagens sempre foram differentes da vida commum. As suas mulheres, em Films, jamais se moveram naturalmente. Jamais! Sempre foram exquisitas, differentes, profundamente differentes. Eis ahi onde entra Marlene.

Von Sternberg criou-a pensando nas mulheres dos seus sonhos e das suas fantasias e crystalizou-a nos Films que com ella já fez. Viu-a, como Stiller viu Greta Garbo: — um pedaço de barro á espera das mãos do mestre.

Mas Stiller viu Greta Garbo como artista. O que ella fazia, fóra da tela, pouco se lhe dava, contanto que ella o amasse.

Von Sternberg, no emtanto, não quer de Marlene amor. Sendo um homem differente de Stiller, quer mais da creatura que criou.

Tem tentado amoldal-a não sómente como artista, mas principalmente como pessoa.

Lembro-me perfeitamente da primeira vez que vi Marlene Dietrich. Julguei-a incontinenti uma das creaturas mais adoraveis que já tinha visto. Que ella não se sentia feliz na America, eu o sabia, perfeitamente. Falou francamente a respeito da sua vida, do seu marido, da sua filhinha. Mas Von Sternberg ali não estava. Assim que elle entrou na sala, — e elle sempre entra inesperadamente nas salas onde porventura ella se encontre — fez para mim uma saudação delicada e, curvando-se para ella, falou-lhe em allemão. Ella se ergueu promptamente e fulminou-me com uma phrase secca e decidida. "Preciso ir!". Senti-me despedida. Sahi.

Ella é duas mulheres differentes. Com Von Sternberg, a mulher que elle quer que ella seja. Aquella mulher que andou durante **Marrocos** todo num par de sapatos de saltos ridiculos e impossiveis. A mulher que ruborizou os labios com carmin antes de ser fuzilada, em **Deshonrada.** Quando está longe delle, é alegre, feliz, quasi creança. Assim que cahe a mascara, cahe igualmente a pose. Passa a ser a Marlene Dietrich da Allemanha e não a Marlene Dietrich da imaginação fantasiasta e quasi doentia de Von Sternberg.

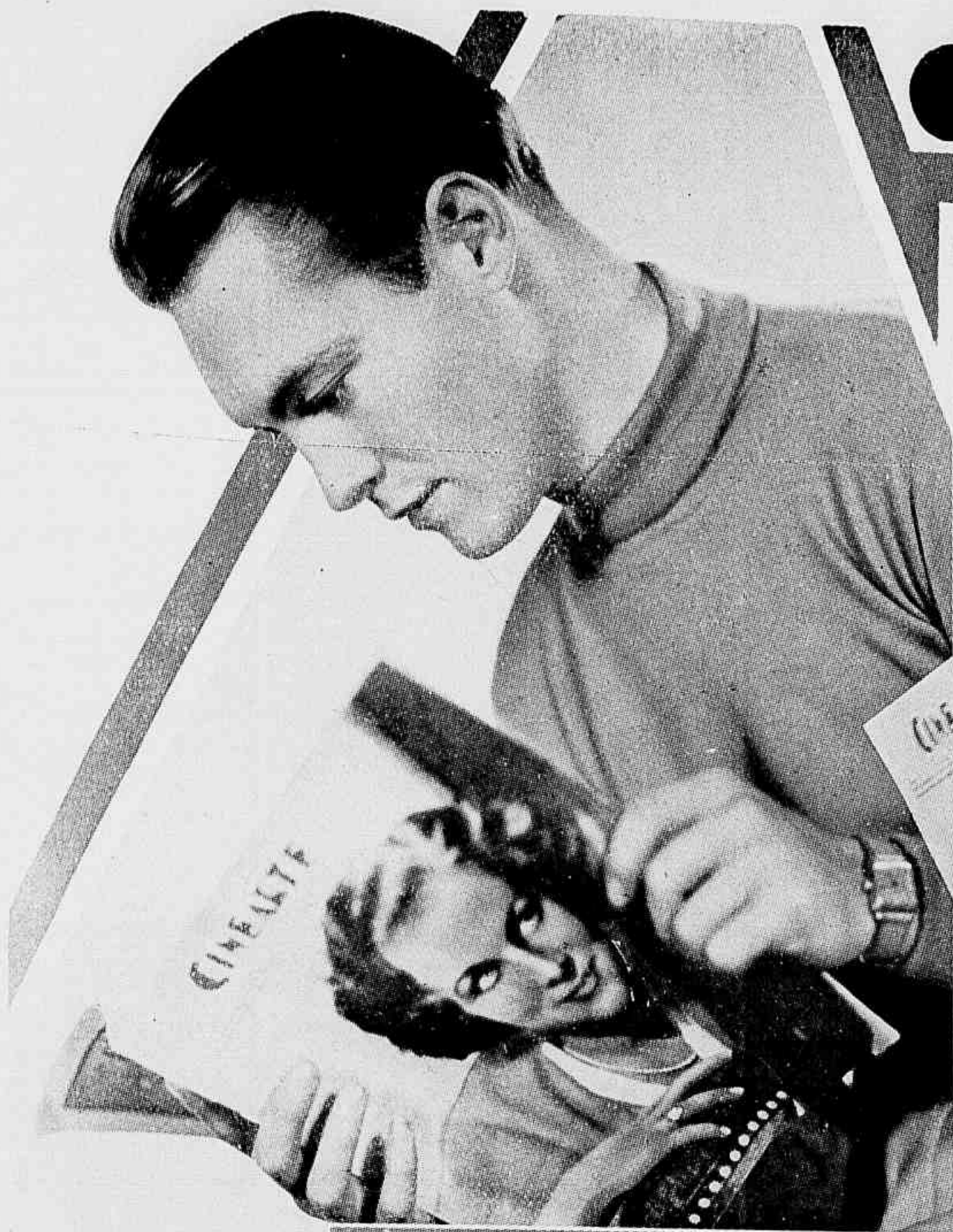
Apesar della se zangar quando alguem diz que elle a domina e que é elle que faz tudo para ella e por ella, a verdade é que isso se tem dado desde que aqui ella se acha trabalhando. Durante dez dias quebrou-se o encanto e ella foi logo vista dansando com Maurice Chevalier. Apesar de hoje elles terem de novo unidos, Marlene e Josef, em trabalho e em convivencia, a convivencia ephemera que elle criou para ella, as cousas não estão mais como antigamente.

Qualquer dos seus ardentes admiradores, entre os quaes eu me conto, não podem deixar de reconhecer que ella, pelas mãos de Von Sternberg, nada mais tem feito do que repetido interminavelmente os seus papeis. E se algum outro director tomasse conta de Marlene Dietrich?

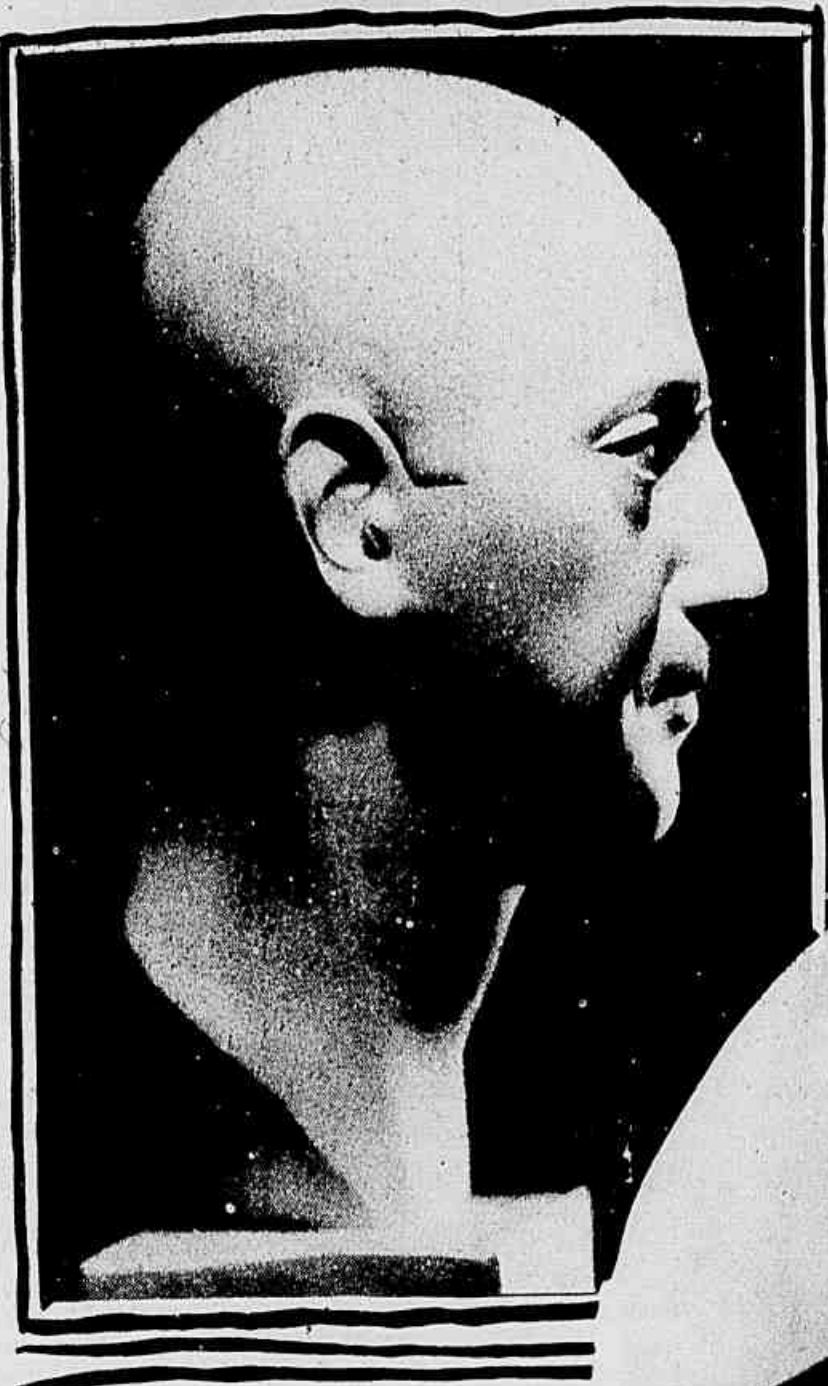
O seu contracto, no emtanto, reza que é Von Sternberg quem deve dirigir todos os seus Films...

Particularmente, Marlene é uma mulher feliz. Apesar de querer muito mais á filha do que ao marido, ama-o, igualmente e é elle o unico homem que tem merecido esse amor. Nesse particular não acredito que Von Sternberg possa ter qualquer interferencia.

O final para este drama identico quasi ás bases principaes daquelle de Du Maurier, não se pode saber o final. No drama, Trilby succumbia e o final era infeliz. Neste, a Trilby é Marlene e felizmente para ella tem mais miolos e mais perspicacia do que a secularmente celebre victima de Svengali...

**Sternberg é o seu Svengali..**

Quem são estes artistas da Columbia, leitores de "Cinearte"?

Entre os que accertarem será feito um sorteio. O vencedor ganhará 10 photographias de artistas, tamanho 24 x 30. O expediente de "Cinearte" servirá de coupon.

Clive Brook

E' de Jesse Lasky, vice-presidente da Paramount... e foi Boris Lovet-Lorski, quem fez...

MISS WHITE (Maceió-Alagôas) — Gary Cooper, Phillips Holmes, Janet Gaynor e Charles Farrell são norte-americanos; José Mojica é mexicano e Norma Shearer, canadense. Chama-se William Janney. *Ganga Bruta, Onde a terra acaba, O preço de um prazer* e *A taça da vida*. Se gosta, não sei, mas que já gostou é provavel.

LUDWIG (P. do Sul-Rio) — O "craneo" é uma "boa bola" realmente. Mas não é nada de tão formidavel assim, creia. Não. Mario Moreno é um e Jack Quimby é outro. Um era de Pelotas e o outro de Porto Alegre. Sim, é possivel. Escreva á gerencia. Para o anno teremos, com certeza. Serão melhorados successivamente, com certeza. Mande-me sua opinião á respeito. Volte sempre, Ludwig!

BILLIE NOVARRO (Rio) — 1.° — Marian Marsh, Warner Bros. Studios, Burbank, California; 2.° — Eleanor Boardman, Paramount Publix Studios, Hollywood, California; 3.° — Karen Morley, M.G.M. Studios, Culver City, California; 4.° — Miriam Hopkins, Paramount Publix Studios, Hollywood, California; 5.° — Billie Dove figura presentemente em *Cock of the Air*, do qual já demos photographias. Até outra, Billie.

MORENA TRISTE (Rio) — Onde tem andado e o que tem feito que não escreve mais para a gente, Morena? E' boa doutora, sim. Gostei dos seus commentarios sobre Carmen Santos e Déa Selva. Tenha calma, é artigo essencial e com ella tudo conseguirá. A sua sinceridade é justamente aquillo que eu penso... Mas o que fôr possivel fazer, Morena, faz-se! Até "outra".

JIM MARLEY (S. Lourenço-R. G. do Sul) — Isso mesmo, você tem razão. Está, sim. Quanto ao resto, nada mais de positivo posso lhe dizer. Volte sempre, Jim.

WALDINHO (Piracicaba-S. Paulo) — Mas serão exhibidos. *Mulher* irá brevemente para ahi, com certeza. Mas não é culpa da *Cinédia* e esse negocio de bairrismo é cousa que aqui não conhecemos. Não nos limitamos a fronteiras. Tudo é Brasil. A culpa é da agencia que distribue e demora a exhibição. Tudo isso será cuidado, verá e bem de accôrdo com tudo quanto diz. Volte quando quizer, Waldinho.

ZURY (Rio) — Mais uma vez satisfeito por poder satisfazel-a. 1.° — Paul Lukas, Paramount Publix Hollywood, California; 2.° — Sally O'Neil, Fox Studios, Western Avenue, Hollywood, California; 3.° — Marie Prevost, M.G.M. Studios, Culver City, California; 4.° — Jean Arthur, Paramount Publix Studios, Hollywood, California; 5.° — presentemente sem fabrica certa e em *tournée* de *vaudeville* pelos palcos dos theatros norte-americanos. Não mande quantia alguma. Os que não tiverem secretárias de mão leve, mandarão.

RANULIA (S. Salvador-Bahia) — Agradeço o cartão e aqui tenho duas cartas suas para responder, netinha que eu quero bem. O que você deseja para mim, no seu cartãozinho bonito que fala em Jesus e Papae Noel, peço a elles mesmos que seja tudo isso tambem para você.

*O ultimo chapéuzinho de Claire Dodd...*

A photo eu tambem agradeço e muito. Você continua magrinha, mas e tão interessante! Fez bem. Foi tarde, mas veiu sempre a tempo. Ora essa? E por que não? Você escreve com o coração e só isso já é um grande valor. Mas se você nunca me contou que era da Serra de

# Pergunte-me outra...

Baturité, filha do Ceará, como queria que eu advinhasse? Pois cearencezinha ou bahianinha, Ranulia é sempre Ranulia para mim, que sou Brasileiro. Pois conte com minha amisade. Você tem o dom de ser sincera com duas palavras pequeninas e simples. Bonito o que diz de fé e oração. Elle lhe escreveu? Pois o Pedro Fantol é um elementão e gosto de ver que você tambem sabe e reconhece isso. De facto elle é muito distincto, muito attencioso e culto. Ainda ha de ter o seu verdadeiro logar no Cinema Brasileiro. Referi-me a Celso Montenegro, naquella resposta. Mas de *Anna Christie* o que se salvava era só isso, realmente. Ninguem sensato disse isso. Disseram que ella esteve igualmente esplendida, foi isso. Isso mesmo: — nisso se pere a resposta. Vá escrevendo e eu reuno as cartas e respondo. Você é das poucas que já comprehendeu bem o caso desta secção. Até "outra", Ranulia.

GILBERTO LUIZ (Pelotas-R. G. do Sul) — Tem razão. Mas eu respondi, tenho certeza. Mas gostei do commentario e você é extremamente modesto. Mas agora elle está aqui e eu já lhe fui apresentado. 1.° — O mesmo; 2.° — idem; — 3.° — não pode ainda ser revelado; 4.° — o mesmo; 5.° — idem. Volte sempre Gilberto.

JACK BROOK (S. Salvador-Bahia) — Deixe disso. Eu gosto realmente de bons e constantes *fans* como você, Jack. Interessante a estatistica e possivelmente algum trecho será reproduzido. Naturalmente os Films Brasileiros irão ahi. A menos que os distribuidores os atrazem, o que não creio. De toda fórma, Jack, veja se não passa tanto tempo sem escrever e volte quando quizer.

JIM MARLEY (S. Lourenço)—Obrigado.

H. MOURA (P. do Sul-Rio) — Bravos, Honorio! Sempre em forma. Continue!

SUZI (S. Salvador-Bahia) — Sim, Suzy! E' verdade. O que elle tem feito, ultimamente, é ver se consegue livrar da molestia, com passeios, tratamentos sérios e tudo. Dizem que Lupe Velez é que o arruinou. De toda fórma, é bem possivel que elle ainda sare completamente. Presentemente está inactivo, depois de ter concluido um Film em New York, com Claudette Colbert. Aguarde noticias futuras a respeito delle. Uma cousa eu sei: — continua no elenco da Paramount e está annunciado para futuras producções. E' possivel que a sua recente volta ao mundo tenha feito effeito.

WALTER G. MOTTA (Pesqueira-Rio) — O bairro não está fechado. Fechou-se apenas um Cinema, por ter terminado o seu contracto. Mas, agora vae ser reaberto e mais outro que foi construido em cincoenta dias, o Alhambra. Vão-se inaugurar ainda outros e isto não é positivamente crise. Não vae fazer, não. Não é, não. O assumpto? Cinema, naturalmente. Não sei o seu endereço. Lamento não o saber, mas nada aqui consta. Pois volte quando quizer.

MAGALI (Rio) — Bem. E você? Ficou? Pois o mesmo se deu agora, lendo a sua segunda e tão delicada cartinha. Mas você é realmente enthusiasta, não? Pois olhe que as criticas dizem que ella não leva vantagem alguma sobre Ramon Novarro, o Film todo... Clark Gable é M.G.M. Studios, Culver City, California. Retribuo o que me enviou e quero-a como boa amiguinha que é.

MYRTÔ (S. Paulo) — Se já tivessemos resolvido o concurso, no qual, aliás, bem poucas accertaram, já teriamos publicado os resultados. Mais um pouco de calma, Myrtô.

FERNANDO DE SOUSA (S. Paulo) — Pois continue alimentando o seu sonho, amigo Fernando, que não é impossivel e nem irrealisavel. Pois o que eu puder fazer, farei. Mas por que não trata de averiguar os endereços dos productores ahi em actividade para se candidatar? Aqui, já sabe, o problema da distancia offerece algumas difficuldades. As respostas que mandou para o concurso, estão erradas, todas. Volte quando quizer, Fernando.

METROPOLIS (Aymorés - Minas) — Não publicaremos, porque nada de interessante ha nisso para publicar. Já se falou muito, não leu? Mas agora o caso não é para isso. Volte quando quizer.

NILS NORTON (Porto Alegre-R. G. do Sul) — E terá muito a augmentar, ainda. Elle vae melhorando bastante e está chegando a completa hora da "onça beber agua", como se diz. Gostei do final da sua carta: — "a saudade tambem é uma coisa nossa". A critica tambem está boa e se bem que você tivesse sido um pouco extremado, está direitinha. Volte, Nils Norton.

FLORESBELLA (S. Paulo) — Naturalmente já foram destruidas, se é que não foram mesmo archivadas. Mas como eram muitos e naturalmente estariam occupando logar, creio que já tenham sido destruidas. Não acredito que as possa rehaver. Até "outra" Floresbella.

OPERADOR.

Carole Lombard é a cousa mais impressionante que tem o Film. Não só linda, fascinante e provocante, mesmo, como artista de bons recursos, como naquella scena de embriaguez. Admiravel! Ella rouba os trechos todos em que apparece. Kay Francis, outra esplendida tinta, com pouca opportunidade e quasi nenhuma chance. William Powell, bem.

Letreiros, bons. Tocamos nisto, porque ha um, dito por Carole Lombard, quando, embriaga, quer que William Powell a conduza ao seu appartamento, que está certinho, mas é demasiadamente ousado, para ser posto diante dos olhos de uma platéa. E' uma phrase viva ao extremo e que o traductor poderia ter disfarçado. Assim como está, torna o Film offensivo. Falado em inglez, tem a vantagem de não ter a metade das malicias theatraes ditas não comprehendidas. Mas traduzidas as mesmas com grao de augmento, como o letreiro em questão, muda o caso de figura. O Film já não é absolutamente para criança Assim torna-se positivamente prohibitivo para pessoa que tenham gente de respeito para levar ao Cinema.

Herman J Mankiewicz escreveu o scenario e Victor Milner operou. Lothar Mendes é um bom director e este Film em nada desmerece o seu conceito

Martin Burton, Johr Holland, Frank Atkinson e Maude T. Gordon, completam o elenco.

Cotação: — BOM.

*Carole Lombard, cada vez mais linda e artista...*

O BEMZINHO DE TODAS — (Ladie's Man) — Film da Paramount — Producção de 1931.

William Powell teve mais sorte do que qualquer outro artista que termina um contracto com uma fabrica, *Bemzinho de Todas,* seu ultimo Film para a Paramount, é bom. Tem situações bem boas, mesmo e uma direcção, a cargo de Lothar Mendes, com momentos bem felizes. Grato deve elle ser á Paramount, portanto...

A historia de Rupert Hughes é sem duvida alguma escabrosa. Trata da vida de um homem que recebe dinheiro. Quando elle se apaixona, é tarde: — o seu destino está traçado. E na morte encontra elle a paga de seus actos immoraes. Varias mulheres o choram. Mais do que todas, Kay Francis, aquelle que elle amara com pureza (talvez a unica...) e que tambem o quizera com ardor.

Apesar de ser uma historia assim, não se deve deixar de assistir o Film, porque elle tem trechos realmente bons. O principio é regular. A parte central do Film, boa. O final intenso e apenas prejudicado pela representação um tanto ou quanto falha de Gilbert Emery que arcou com responsabilidade acima de suas forças. Se fosse outro, dando o braço á esposa depois de ter assassinado o amante da mesma, a situação ganharia e o Film tambem, é logico. Mas, de toda forma, do momento em que Kay Francis deixa o appartamento, largando-o em companhia de Olive Tell e encontrando-se com Gilbert Emery á entrada do elevador, o Film torna-se emocionante. Boa a luta, se bem que William Powell, quando se finge ferido, empregue um *truc* de *cow boy* de dezena de annos atraz... Até o fim ninguem sabe se vence a virtude ou o vicio e o Film termina mal, porque assim terminava bem e quando um Film norte-americano termina mal, é porque é esse bem

TRIUMPHOS DE MULHER — (Night Nurse) — Film da Warner Bros. — Producção de 1931

A direcção rapida e segura de William Wellman. O scenario esplendido de Oliver H. P. Garrett. A representação e a personalidade de Barbara Stanwyck. Fazem desta convencional e ás vezes inverosimil historia de Dora Macy, um bom Film Tem acção rapida. Um bom momento culminante. Um final feliz interessante. Varias cousas de scenario muito interessantes. Principalmente um andamento rapido e agitado que faz lembrar nitidamente os Films bons daquelles bons tempos.

Fracos, são o caracter de Clark Gable. O ambiente constante da casa de Charlotte Merriam. O caracter de Clark Gable, então, tem exaggero demasiado e uma crueldade que a gente vê logo que não existe. Aquelle socco em Barbara Stanwyck é demais. Outrosim aquella brutalidade deshumana com as pequenas Betty Graham e Marcia Jones.

Fóra isso, no emtanto, o Film é bom e tem momentos bem bons, mesmo. Aquella operação está magistralmente mostrada. Scenario com andamento rapido e direcção acompanhando o scenario. Boa a sequencia da entrada de Barbara para o hospital. Interessante o encontro com Charles Winninger. Boa a phrase de Eddie Nugent na porta, quando tenta chamar a attenção da nova enfermeira. Boa sequencia em que ambas encontram a caveira na cama. Interessante a cura de Ben Lyon. Tudo isso faz o Film agradavel, além de collocações de machina boas. Angulos originaes e alguns cortes interessantes.

Barbara Stanwyck tem o Film todo. Ben Lyon secunda-a regularmente. Joan Blondell, a pequena de sempre e naturalmente despindo-se, mais uma vez. Clark Gable, apesar do papel que lhe vestiram sobre a personalidade, revela-se. Tem um *close up* que rouba a sequencia. E' impressionantemente masculo na sua mais simples attitude e ainda será um dos maiores nomes do Cinema, sem duvida. Ralf Harolde faz bem um medico toxicomano. Blanche Friderici, Vera Lewis (bom detalhe aquelles convites que ella embaralha como se fossem cartas...), Allan Lane Walter Mac Grail, completam o elenco.

Cotação: — BOM.

SUBORNO — (Graft) — Film da Universal — Producção de 1931.

Desses Films que a Universal antigamente sempre fazia, que não enchiam a vista e nem punham o publico em espectactiva anciosa, mas que, tambem, não aborreciam e nem causavam bocejos.

*Suborno* é bom passatempo e vale pela agitação das suas scenas e interesse das mesmas. William Christy Cabanne, um director *ford* no Cinema americano, fez do Film, que explora politicos inexcrupulosos e jornalistas honestos, dirigiu a contento. Se mais não fez, naturalmente foi porque lhe escasseiam recursos intellectuaes Mas, de toda fórma, conseguiu agradar.

Regis Toomey tem um papel bom como reporter novato que vem do interior e quer deixar a chronica funebre para fazer cousa mais importante. Tem varias scenas boas e sempre melhor está do que em certos Films da Paramount nos quaes nada mais fazia do que atravessar uma montagem e sorrir...

Sue Carol, é sua heroina. Pobrezinha da Sue! Tão bonitinha, tão simples e, no emtanto tão desprotegida da sorte... O seu papel nada significa para a sua carreira, é certo, mas ella é sempre uma heroina interessante e digna de se ver.

Boris Karloff, o novo "Lon Chaney" segundo chronicas a respeito do seu trabalho sinistro em *Frankenstein,* tem um papel saliente, como capanga official de William Davidson. Sabe-se bem e é realmente sinistro de cara e physico. Elle, aliás, é velho conhecido nosso e o seu successo não nos será extranho, pois o vaticinamos ha muito tempo.

Dorothy Revier, na forma do costume. Richard Tucker é assassinado e traz complicação. Willard Robertson, o pae de *Skippy,* é o redactor-chefe do jornal de opposição a William Davidson. Harold Goodwin um bom redactor dorminhôco. George Irving e Carmelita Geraghty apparecem. Pobre Carmelita, como está feia e velha...

Argumento de Garry Barringer.

Cotação: — BOM.

VAMOS BRINCAR DE REI — (Forbiden Adventure) — Film da Paramount — Producção de 1931.

Norman Taurog, o director de *Skippy,* offerece-nos, com este Film tirado de um argumento de Sinclair Lewis, não a mesma sorte de Film que o primeiro foi, mas, igualmente, uma boa diversão e um trabalho de merito.

*Vamos brincar de rei* tem momentos muito felizes e a ironia do seu assumpto tem instantes de brilha, realmente. E' um Film para epoca de Carnaval, apesar de tudo, porque Films só com crianças e de themas têm pouquissima platéa.

**Edward** Paramore Jr. scenarizou bem e **Norman Mc Leod** e Joseph Mankiewicz continuaram o argumento com felicidade.

Mitzi Green e Jackie Searl, livres da con-

currencia tremenda de Jackie Cooper, brilham, esta vez. Edna May Oliver, que é *estrella* na R.K.O., tem um papel muito bom e sahe-se ás maravilhas. Louise Fazenda, Bruce Line, Virginia Hammond, Dell Henderson, Ben Taggart, Ben Hall e Jack Baston, figuram.

A direcção de Norman Taurog recommenda-se e o Film póde ser visto.

Cotação: — BOM.

FALCÃO MALTEZ — (The Maltese Falcon) — Film da Warner Bros. — Producção de 1931 — (Programma First National).

A Warner ainda não tinha feito o seu Film de mysterios. Este não tem casas mal assombradas e nem é levado, ás vezes, para o lado jocoso. Mas é Film policial e, como tal, pouca attenção deixa cahir sobre este ou aquelle artista. A attenção é dispersa, toda ella, pelo assumpto em geral.

Bebe Daniels, Ricardo Cortez e Otto Mattieson, no emtanto, salientam-se, particularmente Ricardo Cortez, do qual o Film é. Bebe está mais ou menos linda, em certos trechos e feia, em outros. Na Paramount, apesar de tudo, tinha mais chance...

Dudley Digges, Una Merkel, Robert Elliott, J. Farrell Mac Donald, Oscar Apfel, Walter Long, Dwight Frye, Thelma Todd e Agostino Borgato, figuram. Roy Del Ruth dirigiu folgadamente e sem mostrar grande originalidade.

Argumento de Dashiell Hammett com scenario de Maud Fulton, Lucien Hubbard e Brown Holmes.

Cotação: — REGULAR.

ACCUSADA, LEVANTE-SE! — (Accusée. Levez Vous!) — Film da Pathé Nathan — Producção de 1931 — (Programma De Leers).

Ha annos, Maurice Tourneur deixou Hollywood e voltou á França. Ao Cinema americano elle deu bons Films, revelou artistas como John Gilbert, por exemplo, que foi scenarista seu, director assistente e, mesmo, amigo chegadissimo. Não ha quem não se lembre de *O Ultimo dos Mohicanos*, por exemplo, feito por elle para a Associated Producers, que nos apresentou, em tempos, uma serie de Films esplendidos. Era um dos seus melhores trabalhos de direcção e Wallace Beery, nelle, no papel do indio Magua, tinha um trabalho admiravel... Alan Roscoe era o indio Uncas e a pequena, Barbara Bedford. Lembram-se? ... Varios outros elle fez, inclusive a primeira de *A Ilha dos Navios Perdidos,* uma dessas historias de fama mundial que o Cinema vive repetindo, de periodo em periodo. Maurice teve uma longa e recommendavel carreira em Hollywood. Hoje, em França, ou está cansado ou está esquecido do que aprendeu e do que praticou na cidade do Cinema. *Accusada, Levante-se,* é a prova disso.

Não que o Film seja insupportavel ou absolutamente, inenarravel, não. Mas Tourneur mantem, nelle, apenas a sua direcção mais ou menos commum sobre os artistas. Foge á originalidade e nada apresenta que o recommende.

*Accusada, Levante-se!* é o drama de uma mulher que é tomada por assassina de uma sua rival em relação ao seu marido. As provas são contra ella e seria condemnada se não fosse a intervenção habil e intelligente do seu advogado. A supposta assassina é artista de theatro e tambem a sua e o seu marido. O principio do Film é uma revista Filmada dos bastidores e photographando um ensaio na vespera da estréa da mesma. Depois de assistir á revista toda, que é apresentada pelo dialogo do empresario que diz á *estrella* principal: — "é um allivio ouvir-se musica franceza... O *jazz* já está tão monotono!". Ou cousa semelhante. E ouve-se a musica franceza (aliás fraquinha...) e vê-se, quadro por quadro, a revistazinha toda até á entrada do quadro em que tomam parte Gaby Morlay e André Roanne, o casal principal do Film. Elle entra cantando um tango argentino em francez, (risos na platéa) e o numero typico que interpretam é realmente a melhor cousa que tem a revista (como diz uma prsonagem), é engraçadissimo, quando os outros são apenas monotonos.

Dahi para deante começa o drama, propriamente. E' inutil dizer-se que ninguem suspeita do verdadeiro assassino e que apenas pelas suas contradicções, no julgamento, percebe o advogado da defesa quem seja. Mas depois que a parte central do Film se desenvolve e o mesmo cahe na sala do julgamento de Gaby Morlay... Garanto-lhes que assistiram dezenas de Films em que tenham entrado tribunaes. Esta é dirrefente. Basta dizer que são photographadas todas as testemunhas, o ataque do promotor publico, a defesa integral, as discussões entre a defesa e a promotoria. E tudo isto longamente, exhaustivamente. Pouco ou nenhum Cinema. Apenas primeiros planos e dialogos longos. Além disso, nos trechos dos letreiros superpostos, a photographia peora, porque, para collocal-os, fez-se necessario prejudicar um pouco a photographia original do Film e ás vezes desfocando toda a scena, mesmo. (Como no depoimento de Charles Vanel, por exemplo).

Cotação: — REGULAR.

OS HOMENS DO FOGO — (The Fourth Alarm) — Standard Photoplay — Progamma V. R. Castro.

Mais um Film sobre o formidavel corpo de bombeiros de Los Angeles... E Ralph Lewis, já se sabe, é o commandante.

E' preciso dizer mais? Nick Stuart, Ann Christy e Tom Santschi, tomam parte.

Cotação: — REGULAR.

DEDICAÇÃO — (No Defense) — Film da Warner Bros. — Producção de 1929 — (Programma Matarazzo).

Velho Film da Warner com Monte Blue ainda como *astro* e May Mc Avoy como heroina. Nada de novo tem que se possa citar como bom. E' regular já com muita benevolencia.

Kathryn Carver, asposa de Adolphe Menjou, William Desmond (lembram-se de *Entre Venus e Deus?*... pois é completamente differente!) e Lee Moran, figuram.

Argumento de J. Raleigh Davis. Scenario de Robert Lord. Operador, Frank Kesson.

Lloyd Bacon dirigiu com muita boa vontade, mas nella ficou.

Cotação: — FRACO.

RIN-TIN-TIN NO DESERTO — (Rinty of the Desert) — Warner Bros. — Programma Matarazzo.

Para os admiradores de Rin-tin-tin. E Andrey Ferris é mesmo o typo da sua "leading-lady"... mas ainda assim "Nannette" roubalhe o Film... O Film foi exhibido no Parisiense depois de estreado num arrabalde.

Cotação: — FRACO.

O MYSTERIO — (Midnight Mystery) — Radio — Programma Matarazzo.

Algo enfadonho este Film, embora nelle tomem parte varios bons artistas e a direcção tenha sido de George B. Seitz, de quem temos visto bons trabalhos.

A copia exhibida é toda silenciosa, havendo apenas synchronização musical e alguns ruidos que por signal são os peores que temos visto.

Betty Compson faz uma escriptora. O seu trabalho é commum e não tem uma sequencia siquer que se saliente bastante. Está ficando velha a Betty... Lowell Sherman vae bem até certo ponto, mas quando chega a scena em que se julga envenenado, faz uma serie de caretas que chega a parecer um antigo galã dos velhos Films italianos. Raymond Hatton, Hugh Trevor, Rita La Joy, Ivan Lebedeff e outros, completam o elenco.

Cotação: — FRACO.

---

:-: Recordam-se de "Entre o amor e o dever", uma comedia estupenda que Douglas Machean, ha muitos annos fez para a Paramount, com Doris May? Pois, elle ainda possua dos direitos autoraes e pretende Filmal-a toda falada. O seu contracto com a Radio foi cancelado de mutuo accordo e, segundo declarou aos jornaes, Douglas não sabe ainda o que fará. Espera que passem as festas do Natal e, depois, então, dará publicidade de seus planos futuros.

:-: Mae Clark, uma estrella de grande belleza e muito talento — (Esperem "Front Page", da United Artists. está trabalhando com Lew Ayres em "The Impatient Maiden", na Universal. James Whale, director de "Frankstein", grande successo de bilheteria, dirige a ambos nessa nova producção da fabrica de Carl Laemmle.

:-: John Considini Jr., director de Films, contractou casamento com Carmen Pantages.

*Uma scena de "Vamos brincar de rei?"*

# AOS APRECIADORES DE CHARADAS

**Leiam no proximo numero d'O MALHO, sabbado, 27 do corrente, as bases do GRANDE CONCURSO DOS NOVOS original certamen constituido de 15 charadas facillimas, e no qual serão distribuidos seis magnificos premios, a SABER:**

1.º Premio 100$000
2.º Premio 60$000
3.º Premio 40$000
4.º Premio 30$000
5.º Premio, Uma assignatura annual d'O MALHO
6.º Premio, Uma assignatura semestral d'OMALHO

Está á venda o segundo numero da revista ARTE DE BORDAR.

## Faz Rostos Formosos...

O Creme Rugol, formula da famosa doutora de belleza, dra. Leguy, é producto insubstituivel para fazer a cutis formosa. Eis os seus beneficos effeitos:

1.º — Elimina rapidamente as rugas.
2.º — Evita que a pelle, em qualquer estação do anno, se torne aspera ou secca.
3.º — Tonifica os musculos do rosto e fortalece a cutis.
4.º — Allivia promptamente qualquer irritação da pelle.
5.º — Extingue as sardas, manchas, cravos e pannos deixando a pelle alva e suave.
6.º — Não estimula o crescimento de pellos no rosto e imprime á cutis um tom sadio e loução,

O Creme Rugol é insuperavel para massagens faciaes e é bom para todas as cutis. E' o melhor preparado para applicar-se antes de pôr o pó de arroz.

## A' CLASSE MEDICA E AO PUBLICO EM GERAL

Continuando a chegar ao nosso conhecimento, apesar dos annuncios que fizemos nos jornaes desta capital, que o individuo, que diz chamar-se ADHEMAR PINTO DE CAMPOS, dizendo-se nosso viajante, angaria assignaturas de revistas medicas, nos Estados de S. Paulo, Minas e Paraná, avisamos á distincta classe medica, e ao publico em geral, que não conhecemos esse individuo, que não vendemos revistas medicas e que não temos viajante não passando portanto esse individuo de um chantagista, para quem pedimos as penas da lei, avisando, outrosim, que não nos responsabilizamos pelos documentos e recibos passados pelo mesmo. Rio, 16 de Novembro de 1931. — *Pimenta de Mello & Cia.* — Rua SACHET, 34 — Rio.

# Senhora!

Deseja fazer os seus proprios vestidos?

MODA E BORDADO offerece-lhe um molde cortado, inteiramente GRATIS.

Veja as condições no n. deste mez, que está á venda.

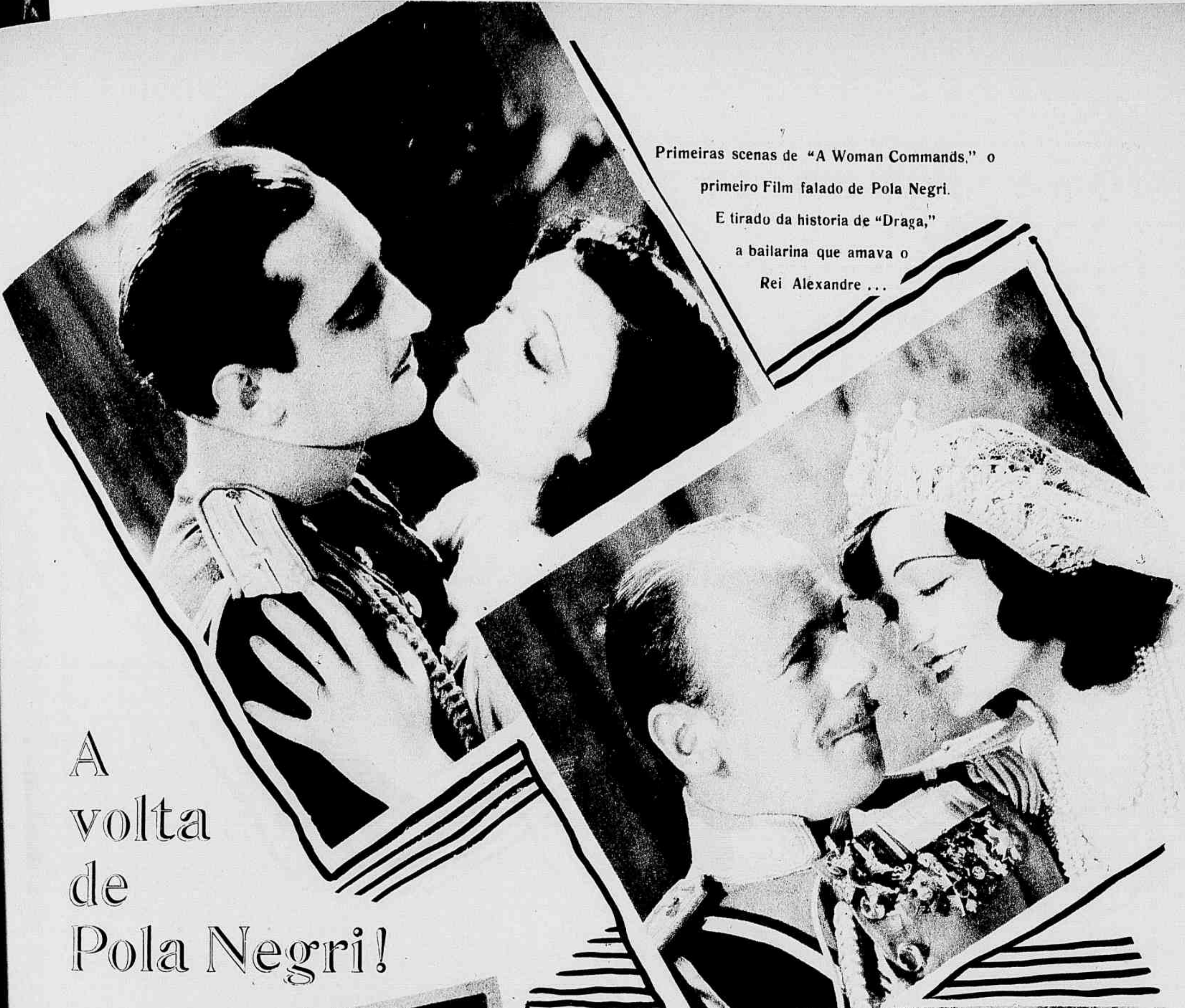
O mais util presente.

## SABONETE E COLONIA FLORIL

Pela sua acção hygienica, perfume e superior qualidade, são indispensaveis nos banhos, barba e toucador.

A' VENDA EM TODA PARTE.

Primeiras scenas de "A Woman Commands," o primeiro Film falado de Pola Negri. E tirado da historia de "Draga," a bailarina que amava o Rei Alexandre ...

# A volta de Pola Negri!

O Film é da R.K.O

# Noites de Hollywood

**(Continuação do numero passado)**

**TONIGHT OR NEVER — United Artists**

Eu assisti a todos os Films de Gloria Swanson para a United Artists, mas nenhum delles foi tão bom, tão interessante, moderno e elegante como a historia desta cantora caprichosa, cheia de vontade e que possuia riquezas, nome, admiradores, — mas não tinha amor. E', antes de mais nada, uma alta comedia, com trechos romanticos, passagens de muito bom humor, uma leve camada de malicia e Gloria Swanson num papel esplendido. Se **Indiscreta** por vezes, chegava a ser um film comico, como tambem succedeu com **"Que Viuva!"** — este ultimo trabalho da actual esposa de Michael Farmer é uma alta comedia como nos costuma dar o theatro francez. Gloria tem nas scenas em que vae tentar conquistar Melvyn Douglas — uma das melhores sequencias que já viveu em sua carreira. Este, que estreou, precisamente, neste Film, não é nenhum typo para arrebatar corações, mas, de facto, o artista para o papel que vive, fazendo-o com tanta naturalidade e perfeição que agradará ás platéas. O Film é montado com luxo, mostrando no corpo de estrella as ultimas creações de Gabrielle Chanel, contractada especialmente por Samuel Goldwyn para desenhar e fazer os vestidos das estrellas de seus Films. Ha momentos romanticos, ternos, — como aquelle em que Gloria vae jantar no cabaret e ouve o violino; — outros ha, maliciosos, como no trecho em que ella quer dormir e não póde, pois no quarto vizinho ao seu, ha um murmurio de vozes... Ella reclama do gerente do hotel — a resposta é a seguinte — "Pardon, Madame... elles estão na lua de mel..." Eis um Film destinado a successo — e Gloria bem que precisava delle.

**PRIVATE LIVES — Metro Goldwyn-Mayer**

Recordo-me de "Divorciada", "Beijos a Esmo", o ultimo Film que vi no Rio... Este é o ultimo, e, mais outro grande successo para essa estrella admiravel.

A Metro dá aos seus Films tanto encanto, fal-os modernos, elegantes; parecem photographias de almas, de situações, de momentos da vida que passa e as emoções que elles offerecem, todos nós as sentimos na hora que corre... Norma Shearer é voluntariosa,

**(Termina no proximo numero)**

# A desconhecida Hollywood que eu conheço...

( F I M )

tal por estar falando de mortos, notem! ) era, sem duvida alguma, Lon Chaney.

O "homem mysterioso", jámais o foi. Sempre foi alma aberta, escancarada, mesmo. A publicidade é que o tornou exquisito e differente. Eu, que já trabalhei naquella publicidade, fui das que escrevi historias complicadas em torno da mania de Lon Chaney não receber jornalistas e nem admittir photographos... No emtanto, não era verdade. Elle era expansivo e jámais se negou á uma photographia ou á um jornalista que quizesse a sua opinião sincera sobre a sua carreira ou sobre a vida.

Diziam, naquelle tempo, que elle era muito difficil de ser visto. E não era verdade. Era visto a todo momento.

Eu o ouvi, certa vez, dando uma entrevista assim, que depois foi comprada e jámais publicada.

— Veiu entrevistar-me, não é? Não gosto de falar de mim, sabe? E' muito melhor ser mysterioso... Se quizer saber alguma cousa a meu respeito, pergunte aos operarios do Studio. Eu sou da Associação delles e elles sabem disso melhor do que eu, talvez... Sabe que eu nasci em Colorado Springs? Meus paes eram surdos mudos, tambem sabe? Não sabia? Ora essa! E eu que não gosto de falar de mim...

E ia por ahi afóra nesse mesmo diapazão... Os seus papeis é que lhe deram a fama que mundialmente teve.

Certa vez elle trouxe pessoas da sua familia para visitar o Studio. Levou-os pelo **lot** todo e dirigiu-se ao **set** onde trabalhava John Gilbert. Eram muito amigos e elle queria apresental-o aos seus. Mas disseram-lhe que não fosse, porque Jack estava vivendo uma scena muito emocionante, naquelle momento e não podia ser perturbado. Lon enfureceu-se. "Jack devia saber que é um artista como qualquer um de nós, que diabo!". Gritou elle. E, dahi para diante, zangou-se com Jack. Originou-se disse um feudo entre ambos, que só terminou poucos mezes antes da morte de Lon.

Adorava o seu trabalho. Nenhuma difficuldade de maquillagem era demasiada. Horas nunca foram longas para elle quando as perdia para o seu trabalho. No emtanto eu continuo achando **Os Fuzileiros,** o unico Film, quasi, que elle fez sem maquilhagem, foi o seu melhor trabalho.

Muitas pequenas, na M G M, devem agradecer a Lon Chaney os seus successos de hoje. Entre ellas, Joan Crawford, Norma Shearer, Greta Garbo, Anita Page e Renée Adorée. Lon sempre era gentil e delicado com os collegas e á essas citadas elle sempre auxiliou em **maquillagem,** technica Cinematographica e tudo quanto lhes pudesse ser util.

A sua morte foi mais sentida do que a de qualquer outro artista de Cinema, podem crêr. Elle era admiravel.

# Cinema Educativo

( FIM )

Films, tudo quanto podesse contribuir á formação desse novo methodo de Ensino.

E' indispensavel que as classes governamentaes, os homens politicos do mundo inteiro, comprehendam a amplidão do problema e lhe dedique a attenção que elle merece.

Hoje em dia, a importante Sociedade das Nações possue o seu poderoso orgão technico, e é indispensavel que todos os Paizes, pelo menos aquelles que forem signatarios do Pacto, déem ao estudo dos aspectos didacticos e educativos do Cinema a importancia necessaria que elles merecem!

**Giulio Santini**

Ex-Director Geral do Ensino Primario no Ministerio da Instrucção Publica da Italia.

(do italiano)

# "Na Bahia como no Brasil..."

E' americanizada a propaganda de "Cinearte" e outras revistas da S. A. "O Malho" pelo Brasil afóra. Este aspecto foi tirado na Bahia, que é boa terra e paradigma de outras terras tambem.

"Na Bahia como no Brasil..." E assim como é feita esta propaganda na Bahia, ella é feita tambem por todos os outros estados do Brasil.

# Porque Constance não é popular em Hollywood

( FIM )

Disse que precisavam de Constance as dez. Constance ouviu. Falou, logo em voz alterada.

— Vá ficando caladinho, moçinho. Quando tiver experiencia para falar, fale. O que aconteceu em outro Studio, não é de sua conta. Eu disse que aqui estarei ás duas..."

E ella ainda falou muito mais do que isso. Os chefões resolveram mudar de assumpto. Quando foram forçados a lhe pagarem uma somma grande acima do seu ordenado e, isso, só para não pensarem que a poderiam ter emprestada sem mais nada pagar, aprenderam a respeitar uma discussão com uma pessoa da familia Bennett...

Evelyn Mulhall (senhora de Jack) e Kathryn Carver (esposa de Adolphe Menjou) figuravam entre as pessoas que não supportavam Constance. Numa festa, certa vez, disseram-lhe isso.

— Mas por que?

Perguntou-lhes Constance.

— Por causa do seu modo de andar com a cabeça erguida. Pelo arrebitamento do seu nariz. Pela sua voz...

— Mas acham que me cabe a culpa pelo que sou? Se me ensinaram, em criança, ter a cabeça sempre erguida, acha que é minha culpa assim a ter até hoje? Se falo com certo affectamento, tenho culpa de ter sido assim ensidada? Acham que devo mudar esse meu modo apenas para agradar a Hollywood? Vocês devem ser boazinhas commigo. Vocês não me conhecem. Como é, então, que podem me detestar?

Hoje são amigas e boas amigas, com certeza. Não conseguiram vencer uma discussão com Constance Bennett, aquella que não perde nenhuma...

Uma escriptora marcou um apontamento para entrevistar Constance no set, durante uma das Filmagens deste seu recente Film em confecção, **Lady With a Past**. Um rapaz da publicidade conduziu-a ao set. Lá esperou, ao lado della, duas horas, sem que Constance fizesse um ligeiro gesto de assentimento para que ambos se approximassem. Parecia nem notal-os. Ao cabo de algumas horas, desesperado, o rapaz da publicidade chegou-se á ella e lhe disse.

— Miss Bennett!!! A Fulana, ali, espera-a ha mais de duas horas!

— E como queria que eu soubesse? Eu jámais a vi mais gorda, meu caro. Você acha, então, que eu tenho obrigação de conhecer todas as pessoas que aqui ao set vêm? Por que não a trouxe até aqui?

— Mas, Miss Benntt, a senhorinha tinha um apontamento...

— E como queria que eu adivinhasse que era ella o apontamento?

O rapaz nada teve a dizer. Teve a concordar, apenas...

Constance Bennett não crê na garantia das cousas. Precisa que, antes, contem-lhe as cousas muito direitinho. O seu departamento de publicidade sabe disso, naturalmente. E' fóra de duvida que esse rapaz devia, antes, ter annunciado e apresentado a escriptora. Mas elle com igual razão amedrontou-se e receiou, diante do genio conhecido da estrella, approximar-se antes de que ella mostrasse os ter reconhecido.

A escriptora enfureceu-se. Por acaso encontrei-me com ella á sahida.

— Eu nasci para ser dama educada. Constance Bennett não tem educação alguma!

Ha pouco tempo, Constance passou por Albuquerque. 250 pessoas achavam-se na plataforma para lhe fazerem uma saudação. Ella queria passar alguns telegrammas e fazer mais algumas cousas emquanto o trem se demorava naquella estação. Ella desceu de um vagão. Uma meninazinha acercou-se della. Tropeçou. Cahiu. Constance ajudou a criança a se erguer de novo. Depois passou pelo meio da turba sem lhe ligar a menor importancia.

O resultado disso é que os jornaes deram á publicidade a noticia de que ella, no esforço para evitar a manifestação cortez daquelles que a estimavam e foram á estação para saudal-a, empurrára uma criança fazendo-a cahir e machucando-a...

E' logico que ella poderia ter sido mais attenciosa. Não ha, a este respeito, duvida alguma. Mas ella não estava em carro particular algum, como tambem insinuou a noticia e tem um verdadeiro horror ás manifestações publicas e isto tambem é exacto. Ella é até acanhada neste particular e eu sei disso e posso affirmar. Quando está para entrar em contacto directo com o publico, ella se amedronta e se torna extremamente nervosa. Uma vez ella me disse. "Preciso que me falem, em primeiro lugar. Não tenho coragem sufficiente para falar ás pessoas que não conheço bem. O que ella faz, podem disso estar certos, é sincero.

(Continúa no proximo numero)

**DR. OCTAVIO ANGELO DA VEIGA**

Director do Instituto Pasteur do Rio de Janeiro. Dos Consultorios de Hygiene Infantil (D. N. S. P.) Medico da Créche da Casa dos Expostos. Especialidade: Doenças das Crianças — Regimens alimentares. Residencia: Rua Jardim Botanico, 174 — Telephone 6-0327 — Consultorio: Rua Assembléa, 87 — Telephone 2-2604 — 2as, 4as e 6as — De 4 ás 6 horas.

**Cinearte**

REVISTA CINEMATOGRAPHICA

DIRECTORES
**Mario Behring e Adhemar Gonzaga**

DIRECTOR-GERENTE
**Antonio A. de Souza e Silva**

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 70$000; 6 mezes, 35$000. — (Registradas) 1 anno 85$000 6 mezes 43$000

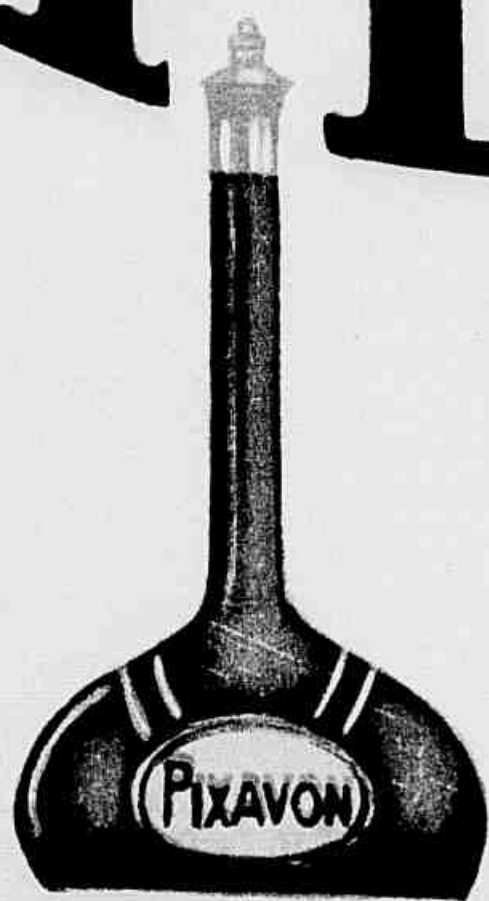
As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Rua Sachet n.° 34 — Telephones: Gerencia: 3.4422 — Redacção: 8-6247 — Rio de Janeiro.

EM S. PAULO

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — S. Paulo

Representante em Hollywood.
GILBERTO SOUTO.

HENRIQUETA SERRANO
E TONY ALGY
CINE

PIXAVON
PIXAVON
Minha senhora,
a moda actual exige não só que se accentue a linha do corpo, mas tambem que se use os cabellos cortados "á la garçonne", innovação graciosa e original que completa harmoniosamente a silhueta.
Mas, para obter este conjuncto harmonioso, não basta cortar os cabellos, é necessario que se possua uma cabelleira farta, flexivel e brilhante.
Este alvo que tantas mocas buscam em vão, V. Exa. poderá alcançar lavando seus cabellos, habitualmente, com PIXAVON, sabão liquido de alcatrão, conhecido e usado em todo mundo e que lhes dará a belleza, o brilho e a flexibilidade que permitte obter as encantadoras ondulações tão desejadas por todas as senhoras.
E' ao PIXAVON que as senhoras de hoje devem, em parte, as homenagens que lhes são rendidas, porque é elle que lhes completa a belleza e graça, dando-lhes uma cabelleira digna de ser apreciada e até invejada.
O PIXAVON é o unico no seu genero, e nenhum outro preparado de sabão liquido de alcatrão o substitue. Tanto para seu uso em casa como no cabellereiro, exija sempre a marca
PIXAVON.
O PIXAVON é vendido em vidros originaes, fechados.